

Umha história da língua

José Manuel Barbosa

-Antes do Latim. O substrato galaico-lusitano

Parece ser que o território Galaico-Lusitano anterior à conquista romana estava ocupado por diferentes povos de raiz indo-europeia e de fala provavelmente celta ou para-celta. Se repararmos na configuração étnica desses territórios teríamos de Norte para Sul os seguintes: Os povos ártabros ou posteriormente chamados polos romanos galaicos lucences que ocupariam a actual Galiza Norte (Províncias da Crunha, Lugo e Norte de Ponte Vedra); os povos gróvios ou galaicos bracarentes (actuais províncias galegas de Ourense e Sul de Ponte Vedra junto com todo o Norte de Portugal até o Douro); e os povos asturos (actuais Astúrias, Leom, à Samora do norte do Douro e a Parte oriental do Trás-os-Montes) Ao Sul do Douro habitariam os lusitanos até o Tejo incluindo no seu espaço territorial a Estremadura espanhola actual ao Norte desse rio e para Sul um conjunto de povos de nome genérico de “Célticos” por todo o Além-Tejo, e ficando para o extremo Sul os Cónios ou Cinetes no Algarve de estirpe celta segundo os autores clássicos.

Segundo os estudos recentes baseados os achados litográficos de Lamas de Moledo, Cabeço das Fráguas e a estremenha de Arroyo del Puerco, a língua falada polos lusitanos mas também polos galaicos incluindo neles os asturos, era umha língua com capacidade para poder ser compreendida e reconstruída a partir do céltico arcaico. A onomástica, a toponímica e a teonímia ajudariam a estreimar o território que ocuparia os velhos conventos romanos da Scallabitano, Asturicense, Bracarense e Lucense e parte do Emeritense.

Som alguns exemplos textuais os seguintes:

**"Rufinus et Tiro scripserunt: Veaminicori doenti angom lamatigom crougeai magareaigoi petranioi radom porgom ioveat Caeliobrigo".*

Este texto datado já em época romana (no século I d.c.) com introdução em latim viria significar o seguinte segundo a tradução de André Pena Granha, arqueólogo galego:

“Rufino e Tiro escreverom: Os Veaminicori (conjunto de jovens solteiros em idade militar) dam um anho lamático (de Lamas de Moledo, entende-se) para o altar de Petranioi (o oficiante), um grosso porco para o Júpiter do Castro de Caelio”

-Texto da Pedra de Cabeço das Fráguas:

**"Oilam trebopala indi porcom laebo commaiam iccona loiminna oilam usseam trebarune indi taurom ifadem(...) reve Tre(barune)"*

Texto também de finais do Império com latinismos como “Porcom” (com P inicial nom-celtica) e redigido na pedra por um ritual de tipo “suovetaurilia” com o fim de proteger a Treba (território político sob a influência do povo que oferece o ritual). A sua tradução apoiando-se noutras línguas célticas vem sendo a seguinte segundo o Professor Pena Granha:

“...umha ovelha para trebopala (protectora da Treba) e um porco para Laebo (divindade feminina), umha égua para a luminosa Iccona (deusa dos cavalos), umha ovelha dum ano para trebarune (a deusa protectora do país) e um touro dum ano para Reva, senhora da Treba.”

Ao Sul do Tejo os diferentes povos de filiação céltica segundo os clássicos mas com importante influência Tartéssica e fenícia pouco sabemos, mas quiçá nos sejam de muito interesse por nom serem a base e o substracto da futura língua galego-portuguesa.

-No século II antes de Cristo o imperialismo romano toma contacto com os lusitanos no afam de ampliarem o domínio sobre a península. Som momentos de sofrimentos e guerras nos que os povos do norte do Douro participam como se com eles fosse, razom que nos fai pensar na unidade étnica galaico-lusitana que Roma quebrou por razons prácticas para o seu projecto imperial.

Décimus Júnio Brutus, entre o 139 e o 137 a.c. passa-se para a ribeira direita do Douro após umha feroz batalha na que morrem segundo fontes romanas mais de 60.000 soldados galaicos fazendo que o rio se tinja de vermelho. Som os habitantes da foz do Douro, os Kalaikoi que a partir de agora lhe darám o nome de Gallaecia a todo o país ao Norte do rio “das Portas” ou “das Portelas” segundo nos diz o insigne linguista Higinio Martins Esteves.

Brutus chega até o Minho levando a guerra nos povos marinheiros do actual Norte de Portugal, mas é sobre a sexta década do século I a.c. quando Caesar, Julius Caesar chega por mar pola costa galaica até Brigantia tentando submeter de forma definitiva aos Kallaikoi, o qual nom lhe vai ser possível até que o seu sucessor Augusto leve a cabo as guerras cântabras e acabe com o problema dos povos do Norte da Península. É no 22 d.c. (a) quando no Medúlio os galegos morrem envenenados pola sua própria açom de ingerirem saiba do texo antes de se deixarem apanhar pola escravatura que Roma lhes tinha reservada.



Mapa linguístico peninsular na época pré-romana

-Roma e o Latim. Período de elaboração e período oral

A Gallaecia, já romana, entra a fazer parte do mundo romano e adopta pouco a pouco o latim como língua culta embora provavelmente continuasse com a sua língua autóctone até bem entrada a Idade Média segundo nos dizem André Pena e Higinio Martins. É essa língua galaico-lusitana o substrato do futuro galego-português e é o latim a base dessa língua galega, portuguesa ou galego-portuguesa (b)

Segundo Eugénio Coseriu a península Ibérica recebe dous diferentes focos de entrada do Latim; um desde a costa Tarraconense alimentando os Conventus mediterrânicos, e a outra que penetra desde a Bética subindo pola Lusitânia e chegando á Gallaecia onde de Oeste para Leste e vai ocupando pouco a pouco as terras bracarense, lucense e posteriormente asturicense. Eis o Latim Citerior o primeiro, e Ulterior o segundo, mas os acontecimentos posteriores à queda do Império Romano fai que com a chegada dos povos germânicos à península e nomeadamente os suevos à Galiza visse como o latim se vai tornar realmente numha língua franca entre galaicos-romanos (provavelmente bilingues em latim e galaico-lusitano) e suevos com a sua língua trazida do centro da Germânia, que distantes entre si buscassem no latim o seu ponto de encontro. Da mesma forma, o cristianismo vai ser quem com o uso também da língua latina vai acabar por eliminar as línguas de galaicos e suevos. A unidade política peninsular sob governo visigodo pouco ou nada vai fazer para uniformizar linguisticamente a península que ve no seu canto Noroeste, protegido pola incomunicaóm orográfica montanhosa e pola unidade e adaptaçom entre galaicos e suevos, como começa a delinear-se umha criaçom linguística nova fruto da dialectalizaçom da língua vinda do Lácio Itálico, mas é desde a chegada dos mussulmanos à península

(710 d.c.) quando vām aparecer as inovações específicas e mais características das que resultar o isolamento dos falares da Galiza medieval. Surgirá assim nos séculos VIII e IX a língua do Gallaeciense Regnum ou Christianorum Regnum, reino que se vai manter por oposição à Espanha árabe e mussulmana e que nos textos da historiografia tradicional castelhanista vai ser definido de Reino de Astúrias ou Reino de Leom.



Penetração do latim na península por volta do Século III d.C.

Esse latim, já nom ulterior, mas galaico –pois começa a se diferenciar dos outros latins da península e da Romania- vai acabar impondo-se sobre o seu antecessor e sobre a fala dos imigrantes centro-europeus para gerar um proto-galaico, como lhe chama Carvalho Calero, o qual vai ser a base tanto do galaico-português como do asturo-leonês posteriores (c). Coseriu chama-lhe a essa língua galaico-asturiana, (d) mas nós concordamos mais com Dom Ricardo no nome de proto-galaico por ser um nome mais amplo que abrange toda a Gallaecia histórica. Os limites da língua dos galaicos nessa altura histórica seriam os limites desse Gallaeciense Regnum que tanto negam os historiadores pró-castelhanistas até o ponto de Roger Wright dizer:

“antes do milénio e quiçá antes do século XIII desterremos também os conceitos distópicos pouco úteis e anacrónicos tais como galego, leonês, castelhanos(...); todos esses conceitos modernos estorvam à vista clara. A península (aparte dos que falavam basco, árabe, hebreu, etc) formavam umha grande comunidade de fala, complexa mas monolíngue” (e).

Do nosso ponto de vista quiçá nom monolíngue em tudo o âmbito peninsular mas sim monolíngue no que diz respeito ao território do Gallaeciense Regnum por ser esse latim ulterior provavelmente diferente já do Citerior que abrangeria as falas catalano-aragonesas. Essa situação linguística da velha Galiza medieval que Dom Ricardo Carvalho diz “Viveiro de Romanços” vai perdurar enquanto dure a hegemonia galaica com intuito de unidade, quer dizer, até aproximadamente a assumpção ao poder do navarro-castelhanos Fernando I, no século XI e mesmo provavelmente chegaria até o XII onde o começo das divisões polas extremas castelhanas vai favorecer rupturas linguísticas que de nom se produzirem manteriam umha hegemonia também linguística galaica dentro da península. Na

altura essa língua nomeada de “galego”, bem por ser a Gallaecia o ser berço originário, bem por entenderem os coevos que era a língua desse reino denominado por todos na altura de “gallaeciense”, mas com as rupturas de Castela no oriente e de Portugal polo Sul o equilíbrio de hegemónias fica transmutado. Justo no momento de maior florecimento acontece isso desequilibrando as forças peninsulares em detrimento do poder Compostelano e em favor do castelhano-toledano.

Textos

Documento mais antigo galaico-latino (doação á igreja de Sozelo). Ano 870.

Christus. In nomine domini nostri Jhesu christi. In honore sanctorum Apostolorum Martirum confessorum Atque uriginum et omnium chorum angelorum salutem Aeternam amen. Ego cartemiro et uxor mea Astrilli abuimus filios et filias nominibus fofinu et gatón et arguio et uistremiro quinilli et aragunti. et peruenerunt illos filios barones ad ordinem monachorum. et accepit inde fofinus ordinem primititer habitantem in ecclesia uocabulo sncte eolalie uriginis fundata in uilla sonosello de presores de ipsa uilla. Ego carterimo et astrilli una cum filiis meis fundauí ecclesiam in nostro casale proprio exepre de nostros heredes uocabulo sancti saluatoris sancti andree apostoli sancte marie uirginis et sancti thome apostoli sancti petri apostoli accepit uoluntas dei. et factus de ipsa ecclesia cum ipso casale testamentum post partem de propinquis nostris et pro remedio animas nostras et omnes defunctorum que in ipsa ecclesia sepulti sunt. Contestamus ad ipsa ecclesia illa hereditate per suis terminis qui habuimus de presuria que preserunt nostros priores cum cornu et cum aluende de rege et habuimos VI^a de ipsa uilla que habuimus per particione et medietate de illa fonte de salmegia. contestamus cum suo ornamento ecclesie libros casullas uestimenta altaris uel templi cruces super euangelia et corona et calice et patena argentea. contestamus in ipsa ecclesia cum quantum omnis hic aprestitum esto. sgnum caballos equas boues et uaccas pecora promiscua cubus et cupas lectos et cagtedras mensas sautos et pumares mexinares uineales terras ruptas uel barbaras casas lacar petras mobiles uel immobiles. et diuidet ipso casal ubi ipsa baselica fundata est per casal de louegildo. et inde per rego qui descorret a casa de trasmondo. et inde per ipso uallo et suos dextros et tornat se unde primitus inquoauimus. Ego cartemiro concedo ibidem larea que iacet in çima de ipso uiniale. et habet ipsa larea in amplo VIII^o passales et in longo peruallatur. contestamus ipsum quod in testamento resonat ad ipsa ecclesia et ad propinquis nostris fratrum uel sororum monachorum uel clericoru. et qui bono fuerit et uita sancta perseuerauerit habeat et possideat. contestamus ipsa ecclesia cum omnia sua ornamenta et sua prestantia. et qui hunc factum nostrum inrumpere quaesierit uel extraneare uoluerit sedeat separatus et excommunicatus et cum iuda traditore habeat participium. et insuper pariat due libra auri bina talenta et a domno qui illa terra imperuerit aliud tantum, et hunc factum nostrum testamentum plenam habeat roborem. Notum die erit pridie kalendas magii era DCCCCVIII^a Cartemiro et astrilli in hoc testamento manus nostras ro+++uoramus.

Gatón abbas confirmo –Zalama abba conf. –Randulfus presbiter conf. –Biatus presbiter conf. – Gundisaluus conf. –Elias presbiter conf.

Pro testes –Aluaro testes –Trasmondo test. –Gondulfo test. –Viliatus test. –Vimara test. –Gatón test.

Menendus presbiter notuit.

Texto original galaico-latino mais antigo que se conserva datado no ano 882 e escrito em letra chamada visigótica. Fala da fundação da igreja de Lauridosa, hoje Lordosa em Vila do Conde:

Christus. In nomine patri et filii et spiritus sancti. domnis inuictissimis ac triumphatoribus sanctis martiris petri et pauli sancti migaeli arcangeli. cuius baselica fundamus in uilla quod uocitant lauridosa inter duas annes kauluno et cebrario subtus monte petroselo territorio anegrie. ego serbus dei muzara et zamora damus adque concedimus ad deum et ad ipsa baselica que nos fundamus in nomine sancti petri et pauli et sancti migaeli arcangeli. damus ipsa uilla ubi ipsa ecclesia fundamus in omnique circuito suos dextruos sicut kanonica sententia docet : duodecim pasales pro corpora tumudamdum (sic) et LXXIIos ad tolerandum fratrum adque indigentium et foru dextruos ipsa uilla pro ubi illa obtinuimus de presuria pro suis locis et terminus antiquiis cum pascuis padulibus montes fontes petras mobiles uel inuouiles aquis aquarum uel sicasas molinarum terras ruptas uel barbaras arbores fructuosas uel infructuosas accessum uel regressum cubus cubas lectus katedras mensas signum de medalo cruce kapsa calice de ariemto cum quantumque ibidem aprestamo omnis est. damus atque concedimus ipsum que sursur taxatum est pro remedio animabus nostris ad ista ecclesia adque sacrosancto altario quod subra taxatum est. concedimus ut diximus pro uicto atque uestimentum monagus et fratres et sirores et propinquis nostris et qui bonus fuerint et in uita sancta perseueraberint seculariter et uia monastica obtinuerint in ipso loco. sibe pro luminaria latariorum uestrorum uel elemosias pauperum. sicut lex et canonica sententia docet. et ibi notuimus ut nec uimendi nec donandi neque a rex neque ad commide neque ad episcopo neque ad numlo omine inmitendi. se sidea semper inienua usque in sempiternum. et post parte propinquis nostris et qui unc facto nostro infringere uel conare tentaberit reus sit ad sancto comunione separatus et cum iuda traditore accipiat participio in eterna dnanatione sint dimersit (sit) in baradro inferni ubi fletus et ullulatus et anathema marenata accipiar. et in conspectu domini. et nom abeant cum domino in prima resurectione ressusitandi. nisi percusus (?) ad ecclesia et ab omni cetum christianorum. et insubra parient tantum et alium tanto quantum inde abstulerit et insuper auri talemum post parti testamenti et coram pontificum. et iudice suo iudigado. et anc scriptura testamenti plena abea firmitate: notum die quod erit VI kalendas abrilis era DCCCCXX^a. Muzara et zamora in hanc kartula testamenti manu nostras.

*Didagu conf. –gumsalbo conf. –uermudo conf. –gutierit conf. –uiliulfo conf. –sisnando conf.
 Uimara conf. –gundiarius conf. –quiriagus conf. –gudesteo conf. –gudino conf. –iauini conf.
 Floresindo test. –mido test. –pelagio test. –gaton test. – sendino test. –iaquinto test.
 Rodorigus abba conf. –Joanne abba conf. –uermudus presbiter conf. –gunsalbus presbiter conf. –didagus
 presbiter conf. –fariulfus presbiter conf. –froila presbiter conf.
 Gudinus presbiter notuit*



Mapa linguístico peninsular no Século X

Entre os séculos IX ao XII vai dar-se umha etapa na história da língua na que o seu uso vai ser fundamentalmente oral enquanto o escrito polos letrados daquela época vai ser um latim cheio de giros que reconhecemos como próprios da nossa língua

Pouco a pouco o já galego como língua normal vai ser empregue em todas as funções dumha língua num país normal e soberano sem distingos sociais, todas excepto a internacional que é reservada para o latim, situação normal na altura e que vai gerar umha diglossia galego/latim que nom oferecida obstáculos nem anormalidades numha Europa que se exprimia em Latim como língua franca continental. É portanto o galego a língua de todos os galegos, mesmo dos reis de Galiza forem coroados em Compostela, Oviedo ou Leom. Os reis falavam galego e mesmo os filhos dos reis eram criados por tutores da aristocracia galega que imprimem carácter aos futuros monarcas e mesmo a diplomática da época (f). Tal é assim quando ficam recolhidos os soluços do rei Afonso VI perante a morte do seu filho Sancho, herdeiro do trono, na batalha de Uclés no 1109 nom pode ser noutra língua mais do que em galego. Segundo nos conta Freixeiro Mato, numha crónica do Frei Prudêncio de Sandoval, historiador nado em Valhadolid no século XVI o rei diz:

“...y en la lengua que se usaba dijo con dolor y lágrimas que quebraban el corazón: Ay meu filho! Ay meu filho! Alegria do meu coração et lume dos meus olhos, solaz da minha velhice! Ay espelho em que me soia veer, e com que tomava grand prazer! Ay meu herdeiro mor! Cavaleiros, u me lo leixastes? Dade-me meu filho Condes!” (g)

Embora isto tenha acontecido assim, foi na época do seu neto Afonso VII que se passa por castelhano nos estudos oficiais das universidades galegas e espanholas (h), quando o condado portugalense se independiza fazendo da nossa língua comum a sua língua nacional, língua que desde esse momento vai começar a ser enxergado como língua portuguesa ou galego-portuguesa.

-A Etapa Galego-Portuguesa inicial, etapa trovadoresca ou período de divergência erudita

Desde o século XII em diante a distância entre o galego e o latim começa a sentir-se como insalvável até o ponto de verem-se obrigados os escrivas da época a escrever na língua do povo tanto mais quanto que as necessidades em relação com o que se escreve –compras e vendas, testamentos, doações, etc- implicam um uso escrito da língua por parte do próprio povo, mas sem qualquer dúvida começa também a ser empregue por razões artísticas. Portugal, já independente vê como a nossa língua, escrita, começa a ser sentida como “oficial” na época do Afonso III, rei que completa a conquista de todo o território português ocupando o Algarve. Estamos a falar do século XIII, mas foi o seu filho Dom Dinis I o Lavrador quem para além de ser um grande impulsionador da cultura em Portugal instruiu o uso obrigatório do galego-português nos documentos oficiais. A arte trovadoresca floriu na sua época sendo ele próprio um cultor da poesia amorosa.

Na Galiza também vemos como o galego-português floresce e se cultiva literariamente mas não só na Galiza mas em todo o conjunto galaico-leonês. A prova está no facto de ser a língua da Corte primeiramente e posteriormente ser a língua escrita de cultura e na que escrevem os artistas de nome já forem da Galiza compostelana, Leom ou a Estremadura. Isso dentro dos contornos e limites tradicionais dessa coroa pois também houve sevilhanos, castelhanos, mesmo aragoneses e até italianos.

Neste final da Idade Média, época das Cantigas poderíamos dividir o percurso da nossa língua pelo tempo em várias etapas, umas atendendo ao tempo cronológico mas outras também atendendo ao espaço físico que há que atender uma vez tenham colhido caminhos diferentes o novo reino de Portugal e o que fica do reino da Galiza que no século XIII e XIV fica reduzido à Galiza compostelana que chega aproximadamente na sua territorialidade até os nossos dias. Em Portugal a acção da cultura faz com que os cultores da língua se afastem da fala popular por influência do latim embora haja uma necessidade de modernizar a língua sobretudo nos documentos jurídicos, sempre da mão da língua mãe. No Sul vamos assistir ao descolar da variante portuguesa e a ver como a independência e o nacionalismo português fazem destacar o que vai começar a ser chamado português da variante norte ou galego que vai ficar num canto da península entre o mar e o que vai começar a ver-se como o poder de Castela que com o tempo vai conseguir despejar do degrau da cultura o país que até o momento tinha sido um dos mais floridos e prósperos da Europa:

A etapa galego-portuguesa inicial vai desde o aparecimento dos primeiros textos escritos a finais do século XII até aproximadamente o ano 1350 na Galiza, época na que começam as guerras de sucessão na coroa galaico-leonesa-castelhana e século de pestes tanto na Galiza como em Portugal. Será a época do esplendor trovadoresco, mas dum ponto de vista português esta etapa vai-se ver alargada até o 1385 ano da batalha de Aljubarrota na que o Reino de Portugal dá amostras de querer fazer o seu caminho independente do dos outros reinos peninsulares uma vez que Castela apanha a hegemonia sobre o projecto nacional galaico.

Com isto e com a dinastia de Aviz, a assumpção da burguesia de Lisboa ao poder, feita de construtores e armadores de navios e o começo das navegações, os rumos históricos e a evolução da língua em Galiza e Portugal colhem caminhos diferentes o que faz que as etapas nas que podemos dividir o percurso da nossa língua também possam ser diferentes (i)

Os textos escritos mais antigos da nossa língua são entre os textos literários: *A cantiga da Guarvaia* atribuída a Paio Soares de Taveirós ou a Martim Soares; *A cantiga da Guarda* de Sancho I; o *Sirventés* de João Soares de Paiva contra o rei Sancho de Navarra. Todos eles estão redigidos nos fins do século XII e começos do século XIII.

Os textos em prosa são: *O auto das partilhas* (1192), *O testamento* de 1193; *A Notícia de Torto* de 1211 e *O Testamento de Afonso II* de 1214.

No que diz respeito da lírica é-nos conhecida em três cancioneiros:

- O cancionero de Ajuda, o único conservado da época
- O cancionero da Biblioteca Vaticana
- O cancionero da Biblioteca Nacional de Lisboa ou de Colocci-Brancutti.
- O cancionero de Berkeley
- Outros textos: a-Pergaminho Vindel
 - b-Duas versons da tençom de D. Afonso Sánches e Vasco Martins de Resende. Na Biblioteca Municipal do Porto e na Biblioteca Nacional de Madrid.
 - c-Cinco “Lais” de Bretanha na Biblioteca Vaticana
 - d-Tavola Colocciana. Índice de autores dum cancionero perdido.

O da Biblioteca Vaticana e da Nacional de Lisboa ,cópias dos originais, feitas no século XVI.

As poesias destes textos som de três categorias: as cantigas de amigo, as cantigas de amor e as cantigas de escarnho e maldizer.

Além destes cancioneiros profanos temos os de carácter religioso escritos polo rei de Galiza-Leom e Castela Afonso o Sábio e conhecidos por *Cantigas de Santa Maria* (j)

Toda esta etapa histórica corresponde-se com o predomínio do chamado reino de Galiza-Leom no qual, seguindo alguns autores como Emílio Gonzalez Lopez, a hegemonia política, cultural, económica e até militar corresponde à Galiza histórica que estendia o seu domínio por um território que atingia as Astúrias, Leom e a Estremadura. Os reis Afonso VIII de Galiza-Leom e Fernando II tomam o título de Imperadores.

Os textos em prosa som:

- A demanda do Santo Graal
- A Chronica Troiana
- Os livros de Cavalarias

todos eles de carácter narrativo.

- Chronica Geral Galega
 - General Estória
 - Chronica de Santa Maria de Íria
 de carácter histórico; e outros textos como:

- O livro de Linhagens do conde de Barcelos´
- Os milagres de Santiago

Também há outros monográficos, didácticos e/ou religiosos como:

- Tratado de alveitaria
- Livro dos cambedores
- Flos Santorum
- Legenda Aurea

Textos

A Notícia de Torto:

De Notícia de torto que fecerun a Laurencius Fernandiz por plaço que feze Cõçavo Ramiriz antro suos filios e Lourenço Ferrnãdiz quale podedes saber. Oue auer d’erdade e d’auer tãto quome uno de suos filios daquãto podesen auer de bona de suo pater e filios seus pater e sua mater. E depois fecerun plaço novo e cõue-nos a saber quale in elle seem taes firmametos, quales podedes saber.

O Auto das Partilhas:

In Christi nomine amen. Hec est notitia de partiçom e de deuison que fazemos antre nos dos herdamentus e dus cout(us) e das onrras e dos padruadigus das eygreugas que forum de nosso padre e de nossa madre.en esta maneira: que Rodrigo Sanchiz ficar. Por.sa partiçom na quinta do couto de Víturio ena quinta do padroadigo dessa eygreuga en todolus us herdamentus do couto e de fora do couto. Váasco Sanchiz ficar por sa partiçom na onrra d Ulueira.eno padroadigo dessa eygreuga en todolus herdamentos d Olveira e eniúu casal de Carapezus que chamam de Vluar e enoutro casal en Agiar que chamam Quintaa. Meen Sanchiz ficar por sa partiçom na onrra de Carapezus enus outrus herdamentos enas duas partes do padroadigo dessa eygreuga.eno padroadigo da eygreuga de Creysemikl ena onrra eno herdamento d Arguiffi eno herdamento de Lauoradas.eno padroadigo dessa eygreuga. Eluira Sanchiz ficar por sa partiçom nos herdamentos de Centegaus enas tres quartas do padroadigo dessa eygreuga eno herdamento de Creyximil assi us das sestascome noutro herdamento.estas partiçoens fazemus antre nos que uallam por en secula seculorum amen. Facta karta mensse marcij E. m^a CC.ª XXXª Vaasco Suariz testis. Gil Diaz Testis. Dom Martio testis. Martin Periz testis Don Stepham testis. Ego Johanes Menendi presbyter Notavit.

Da entrega do coração de Genevra (A demanda do Santo Graal)

Em esta parte diz o conto que, pois a raínha Genevra entrou em ordem com pavor dos filhos de Morderet, ela foi sempre mui viçosa de tódolos viços do mundo; onde haveo que, pois houve de sofrer as lazeiras da ordem, que nom havia em custume, caeu logo em camanha grande enfermidade que todos aqueles que a viam haviam maior asperança em sa morte ca em sa vida. E ela havia consigo ua donzela de gram guisa, e que pesera ordem por amor dela. Aquela donzela fora entendedor de Giflet, filho de Dondinax. E porque a raínha aouvira dizer que Giflet tivera mais longamente companha a rei Artur ca outro cavaleiro, amava tanto a companha desta donzela que nom podia mais. E confortavam-se antre si e choravam muito ameúde, quando lhis lembrava os grandes viços e a grande alteza e grande poder em que foram, e ora eram em ordem, com pavor da morte.

A raínha como quer que fosse em ordem, nom quedava de fazer doo por Lançalot e que nom dissesse algua vez: -Ai, meu senhor Lançalot, Dom Lançalot, e como vos esqueci, que jamais nunca cuidei que vós me leixásedes! Se vós catássedes a vossa bondade e o vosso prez, e er o gram poder que Deus vos deu, lembrar-vos-íades algua vez de mim e vingariades a morte de rei Artur e conquistariades o reino de Logres e alegrariades-mi desta cuita em que som e deste poder alheo em que som em que me meti com pavor de morte.

Esto dizia a raínha de Lançalot, u jazia doente, e a donzela a conformatava muito quanto ela podia. E dizia que nom houvesse pavor, ca bem soubesse verdadeiramente que Lançalot nom tardaria muito que nom veesse, que já ela ende ouvira novas. E a raínha respondeu: -Sobejo me tarde, e sei que em sa tardança tenho morte.

Em aquela abadia havia ua monja que entrara em ordem porque entendera em Lançalot e nom na quisera, e desamava a raínha mui de coração, porque a aleixara Lançalot, que a vingaria em a raínha. Uu dia haveo que disse esta dona à amiga de Giflet, aquela que a raínha guardava, e fez sembrante que nom queria que a raínha a ouvisse:

-Ai, donzela, maas novas vos trago! Dom Lançalot que vinha com gram poder por conquerer o reino de Logres, perdeu-se no mar com toda sua gente.

-Par Deus –disse amiga de Giflet- gram perda é essa. Mas como o sabedes vós se é verdade?

-Eu o sei bem –disse ela- por aquel que o viu.

A raínha que jazia doente, quando ouviu estas novas houve tam gram pesar, que a poucas que nom foi sandia; mas encubriu-se bem, com pavor daquela que as novas dizia. E, pois se partiu, disse a raínha com gram pesar:

-Ai, mar amargoso e maldito, comprido de amargura e de door, néicio, mao e desconhoçudo, mal m'has morta, que vós, à leal amador do mundo, tolhestes seu amador.

Pois disse esto, calou-se com tam gram pesar que nom pode mais comer nem beber; e jouve assi tres dias. Ao quarto dia veérom novas que Lançalot, sem falha, aportara na Gram-Bretanha com tam gram cavalaria e tam boa, que nom há homem no mundo que ousasse atender em campo.

A donzela que a raínha guardava foi mui leda quando estas novas ouviu, e foi-se correndo à raínha e disse-lhi:

-Senhora, muito vos trago boas novas. Sabede verdadeiramente que Dom Lançalot é na Bretanha com tanta gente que, em pouca sazom, a correrá toda.

A raínha, que perto estava da morta, quando estas novas entendeu, respondeu a grande afã:

-Donzela, tarde mo dissestes e ja me nom val rem sa viinda, ca eu som perto de morta. Mas, porque Dom Lançalot é homem de mundo que eu mais amo, rogo-vos que façades, polo amor e o seu, o que vos quero rogar.

E ela lhi prometeu lealmente que o faria a todo seu poder.

-Pois ora vo-lo direi –disse a raíinha-. Eu bem vejo que som morta e nom hei cras a chegar à manhã; e bem vos digo que nunca fui leda tanto de novas coo destas. E de outra parte, pesa-me sobejo que o nom posso veer ante que moira; ca me semelha que, se o visse, que mia alma seria mais leda. E porque eu quero que ele veja e saiba que de sa viinda mi praz e que moiro com pesar e que de grado o queria veer, se podesse, porém eu vos rogo que, tam taste que eu moira, que me tiredes o coração e que lho levedes em este elmo que foi seu; e que lhi digades que, em lembrança de nossos amores, lhe envio o meu coração, que nunca ele o esqueceu.

Aquele dia mesmo, passou a a raíinha Genevra e a donzela fez o seu mandado; mas nom achou Lançalot, e por esto nom acabou todo o que lhe mandara a raíinha.

Texto

*Ai eu, coitada, como vivo em gram cuidado
por meu amigo que hei alongado!
Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!*

*Ai eu, coitada, como vivo em gram desejo
por meu amigo que tarda e nom vejo!
Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!*

Dom Sancho I (?)

Texto

Capitulo ii. De como foi destoida a primeira vez Troia, chamada Dardania

Ao tempo que Dardano morreo rreinou em Dardania seu filho Oriconio. E rreinava sobre os espartos hum que avia nome Aiuerto, homem de grande esforço e de grande syso ee era vezinho de Dardania. E ajumda este homem era o que menos emjurias tinha rrecebidas dos dardanos. E des que vio tempo para tomar vingamça, travou gerra com os dardanos e tantas ajudas ouve e como a çidade jmda nam era çercada e com esforço da muita gemte e bons capitães que tinha não avia medo e entrou nela e diriboua e rrouboua que cousa nela não ficou. E el rrei Orriconia escapou polo mar com hum filho que avia nome Ylio e asy foi destoida a çidade aquela vez. Porem, despois tornou Oriconio com seu filho Ilio e tornoua a cobrar e fez suas pazes com os vezinhos.

E dahi a pouco tempo morreo e ficou o rreino a Ilio, seu filho. E este saio mui bom cavaleiro e mui sesudo. E trouxe muitas gemtes a sua çidade e manteue o rreino sem gerra que lhe viesse. Porem, lembrandotelhe do mall que seu pay e a sua cidade tinhão pasado, fez hum allcaser em hua penha mui allta que estava ali sobre o mar e fez ali sua morada, porque te emtão não ouvera em ha çidade fortaleza senão somente as casas. E chamaram dali adiamte aquela morada Ylio e nela morou el rrei e ali morreo. E como quer que a çidade não era ajmda çercada ali avia mui gram defemdimento para muita gemte defemder.

Coronica Troiana em Limguoajem Purtuguesa



Situaçom linguística peninsular no Século XIII

-Etapa do Português pré-classico ou na Galiza, etapa galego-castelhana

Na Galiza a meados do século XIV a língua entra em decadência ajudada pela união do nosso reino galaico-leonês com o castelhano que com o território toledano inicia uma hegemonia que tem como correlato o esmorecimento da Galiza tanto dum ponto de vista político e económico como cultural e linguístico. As guerras de sucessão na Galiza e a derrota do Pedro o Crú a quem a nobreza galega tinha apoiado fazem que se leve a cabo por parte dos vencedores liderados pelo Henrique de Trastâmara uma substituição nobiliar na que entram nobres castelhanos por nobres galegos que são também deslocados para outros lugares da península. Isso com a posterior derrota irmandinha no século seguinte fazem com que a Galiza Compostelana perca a sua identidade política e portanto perca força cultural à vez que o castelhano se veja presente já no nosso país.

Enquanto o território astur-leonês começa um processo de deturpação e dialectalização linguística castelhanizadora tão grave e brutal -mesmo também política-, que em pouco tempo a consciência do povo quebra e esquece o vínculo histórico com o projecto nacional galaico desidentificando-se de tal forma com a Galiza que mesmo poderíamos considerar o processo como de quase irreversível; no entanto em Portugal em todo este período chamado pré-clássico no que diz respeito da sua literatura vê-se acabado aproximadamente por volta do 1540.

É a época gloriosa dos descobrimentos e as navegações nas que tanto Lisboa como o Algarbe jogam um papel muito importante e nas que a língua viaja com os navegantes por todos os continentes do planeta; é época da prosa didáctica de histórica, da “Chronica Geral, dos “Livros de Linhagens”, do “Livro de Montaria” do rei João I, do “Leal Conselheiros” de Dom Duarte, da “Demanda do Santo Graal e as “Chronicas” de Fernão Lopes. Na Galiza a “Chronica Troiana” e a tradução da “Chronica General”, a “General Estória” ou a “Chronica de Santa Maria de Iria” são obras importantes desta época. Outros textos ainda dentro da Galiza com “O Tratado de Albeitaria”, o “Livro de Cambeadores”, a tradução do “Flos Sanctorum” ou a “Legenda Aurea” de Jacobo della Voragine.

O castelhano já presente na Galiza desde as substituições nobiliarias provoca a decadência do cultivo da lírica galego-portuguesa para abrir o caminho à escola galego-castelhana que copia o virtuosismo da época anterior sem conseguir os resultados procurados, castrapizando a língua e salientando autores como Afonso Álvarez de Villasandino, Garci Fernandez de Gerena, O Arcediago de Toro e Macias o Namorado.

Podemos apontar o seguinte âmbito cronológico:

A: Escola galego-castelhana (1350-1465) Está representada essencialmente polos poetas do Cancioneiro de Baena (1445) e outros cancioneros castelhanos dos séculos XIV e XV (stuniga, Hernandez del Castillo...). É umha poesia composta nas cortes dos reis de Castela Henrique II, Juan I Henrique III e Juan II (1369-1459). O prestígio da língua galego-portuguesa é o que leva aos poetas a utilizarem esta língua

B- Escola castelhano-portuguesa. Representada por muitos dos poetas e dos textos recolhidos no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende (1516), onde já se começa a ver o Renacementismo.(i)

Texto

Texto de Macias o Namorado

*Cativo da minha tristura
Já todos prendem espanto
E preguntam que ventura
Foi que m'atormenta tanto
Que nom sei no mundo, amigo,
Quem mais do meu quebranto
Diga desto que vos digo.*

*Que bem see nunca devia
Al pensar, que faz folia.*

*Cuidei sobir em alteza
Por cobrar maior estado,
E caí em tal pobreza
Que moiro desamparado.
Com pesar e com desejo
Que vos direi, malfadado
O que ouço bem e vejo:*

*Quando o louco cree mais alto
Sobir, prende maior salto.*

*Pero que provei sandece
Porque me deva pesar,
Minha loucura assi cresce
Que moiro por ém torvar;
Pero mais nom haverei
Si nom ver e desejar
E por ém assi direi:*

*Quem em cárcer sol viver,
Em cárcer se vai morrer.*

*Minha ventura em demanda
Me posso atám dultada,
Que meu coração me manda*

*Que seja sempre negada,
Pero mais nom saberám*

*De minha coita lazdrada
E por ém assi dirám:*

*Cam raivoso é cousa brava
De su senhor sei que trava.*



A Península do ponto de vista linguístico pouco antes da conquista de Granada

-Os Séculos Obscuros galegos e o período Classico ou de disciplina gramatical em Portugal

Com a chegada ao poder na Galiza dos Reis Católicos inicia-se o ideal da uniformização linguística na Monarquia hispânica. Os gramáticos espanhóis desprestigiam as “linguas vulgares” face ao já chamado “espanhol” que tenciona ser a língua de todos os reinos hispânicos por vontade dos monarcas de vocação castelhana. Embora isso seja assim, o galego-português continua a ser a língua habitual dos galegos mas é nesta época quando começa a ficar excluída da sua categoria de “nacional” para passar-se a ser o castelhanismo a ideologia dominante. Politicamente a Galiza é castigada, também economicamente enquanto a nobreza deve lutar ao serviço de Castela dentro e fora da península. As fames, as pestes, as levas de soldados, os piratas e a falência económica vam ser os protagonistas dos seguintes séculos. Mesmo Portugal vai virar as costas à Galiza lançando-se ao oceano das conquistas ultramarinas. Isso enterrou à Galiza definitivamente e aos galegos nos chamados Séculos Obscuros que tanto poderíamos denominá-los assim do ponto de vista linguístico-literário como do ponto de vista político-institucional e mesmo histórico.

Portugal que já tinha percorrido o mundo com a nossa língua quando se abre este período por volta do século XVI, entra num momento de esplendor político, económico e cultural. A língua nesta altura está fixada como instrumento artístico ficando como a primeira língua de maior difussom no mundo. Desde a costa do Brasil, passando-se pelas costas africanas até os confins da Ásia e a Oceânia, o galego-português é umha língua franca e de cultura para os povos que entram em contacto com os portugueses. Com isto, as línguas desses povos também exercem a sua influência na nossa língua.

Expressões e termos novos entram no galego-português do indu, bangla, etiópico, banto, malabar, malaio, tupu, etc...embora também doutras línguas europeias com as que mantém contactos políticos, económicos e culturais durante o Renascimento e o Barroco: o castelhano, francês, inglês, italiano, penetram o galego-português, já conhecido nesta altura e internacionalmente como português, enriquecendo-o e acrescentando o seu léxico.

Na literatura é o Gil Vicente quem marca o momento de esplendor inicial junto com o Sá de Miranda, este último de influência italianizante enquanto o primeiro de base popular beirão. Outro de muita importância por não ter escrito nunca em espanhol ainda durante o domínio filipino foi António Ferreira autor da tragédia sobre a rainha Inês de Castro. Mas sem qualquer dúvida os mais importantes Diogo Bernardes, Frei Agostinho da Cruz e sobretudo o autor de origem galega Luís de Camões com os seus “Lusiadas” com o seu português inovador e colorido.

João de Barros, Damião de Gois, Mendes Pinto e outros participam desta etapa da história da língua que supõem um momento de grande esplendor.

Também é nesta altura quando a língua começa a firmar a sua gramática com Fernão de Oliveira, João de Barros e Nunes de Leão, e a sua ortografia com Franco Barreto, Caetano de Lima, etc.

O período Clássico chega até o século XVIII quando começa o período chamado moderno e é no XVII quando começa do ponto de vista linguístico da etapa de unificação oral e escrita da língua em Portugal (i)

Texto

*A min chaman Todamira,
señora do grand tesouro
por estrela crarecida
jago neste Valadouro.*

*Mais treedor foi que un mour
o vilão que me vendeo,
que de Lugo a Ribadeo
todos me tinhan temour.
De min a triste Frouseira,
que por treição foi vendida,
derribada na ribeira,
ca jamais se veo vencida.*

*Por treição tamen vendido
Jesus noso Redentor,
e por aquestes treedores
Pedro Pardo, meu señor.
Vinte e dous foron chamados
os que vendido lo han,
non por fame de sustén,
de carne, viño nen pan.*

*Nen por outro minister
que falezcan de bondá,
senón por sua vilacia
e mais por máa intençan.*

*Eles quedan por treedores
e seu amo por leal,
pois os Reis á sua filla
suas terras mandan dar.*

A Deus darán conta delo,

*que lles queira perdoar,
co que acabou a Frouseira
e a vida do Mariscal.*

Anónimo. (S. XV)

Texto

Segundo capítulo

A antiga nobreza e saber da nossa gente e terra da Espanha: cuja sempre milhor parte foi Portugal: ainda q agora nam e mayor depouys do diluuió geral q e o mais antigo tempo de q se os homes lembrão. Naceo de noe e de Tubal/diz Beroso estoreador de Babilonia e noe edificou e esta terra noela e noegla çidades e da primeira destas faz Plinio mençã aos vinte capitulos do quarto liuro da sua estoria natural: pouys nam menos de tubal seu neto afirma põponeo mela que fudou gibraltar. E estes ja então ordenarão boas leys e ensinarão letras nesta terra cõ muitas outras nobrezas e bos costumes que nela deixarão: despoys destes Hercoles lybio filho de osiris rey do egipto veo morrer em esta terra desejãdo de viuer sua velhice descãhada em ella por a virtude q della conheçia: e os soçessores deste edificarão em memoria e honrra do nome de sue capitão. Libisona. Libisosa. Libunca. Libuna, e Libisoca/cidades desta derradeira chamada Libisoca/ apõta som~ete Plinio no terceiro liuro aos tres capitulos: e Ptolemeu na tavao da espanha põe Libisoca e Libura: e esta derradeira libura põe junto do rio tejo abaixo de toledo da parte do sul/quasi mostrando ser Euora q agora chamamos. E se tambe quizeremos mais antiguar a edificação da nossa Lixboa podemos dizer q e aquella das çinco çidades já ditas a que elles chamarão Libisona. Luso que tambe ennobreceo esta terra não foy Grego: mas de portugal nacido e criado filho de Liçeleu: e este recebeo em seu reyno a el Rey Dionisio ou Dinis: com festas de sacrificios e deuações porq já desdentão os portugueses sabem conhecer e seruir e louuvar a d's. E deste Rey Luso se chamou a terra em q viemos Lusitania a ql despoys chamarã Turdugal: e agora mudãdo alghuas letras Portugal/nã do porto de gaya como quer Duarte galuão na estorio del rey dõ Afonso anriquez: mas dos Turdolos e Galos/duas nações dhomes q vierã morar em esta terra: segundo conta Estrabão no terceyro liuro da sua geografia. E assi desta feyção j+a tambe este nome d'Portugal e antigo e agora com a virtude da gente muyto enobrecido e cõ muitos bos tratos e cõversaões assi em armas como em letras engrandeçido.

Gramatica da linguagem portuguesa. Fernão de Oliveira (1536)

Texto

Depois de caracterizar, de maneira jocosa, os signos de Zodiaco, Mercúrio apresenta-se:

*E pois vos disse atèqui
o que se pode alcançar,
quero-vos dizer de mi,
e o que venho buscar.*

*Eu sam Mercúrio, senhor
de muitas sabedorias,
e das moedas feitor,
e deos das mercadorias:
nestas tenho meu vigor.
Todos tratos e contratos,
valias, preços, avenças,
carestias e baratos,
ministro suas pertenças
até as compras dos çapatos.*

*E porquanto nunca vi
na corte de Portugal
feira em dia de Natal,
odeno ua feira aqui
pra todos em geral.*

*Faço mercador-mor
ao Tempo, que aqui vem;
e assi o hei por bem.
E não falte comprador,
porque o Tempo tudo tem.*

Auto da Feira . Gil Vicente.(1956)

Texto

42

*E destas brandas mostras comovido,
Que moveram de um tigre o peito duro,
C'o vulto alegre, qual, do Céu subido,
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lágrimas lhe alimpa e, acendido,
Na face a beija e abraça o colo puro.
De modo que dali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.*

43

*E, c'o seu apertado o rosto amado,
Que os saluços e lágrimas aumenta,
Como mínimo da ama castigado,
Que quem no afaga o choro lhe acrecenta,
Por lhe pôr em sossego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta.
Dos Fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira, em fim, lhe está dizendo:*

44

*-Fermosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguém comigo possa mais
Que esses chorosos olhos soberanos;
Que eu vos prometo, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos,
Pelos ilustres feitos que esta gente
Há-de fazer nas partes de Oriente.*

Os Lusíadas. Luiz Vaz de Camões.1572

-O galego-português Moderno na Galiza e os Padres Ilustrados

Ao quebrar-se a unidade política galego-portuguesa de época medieval, as modificações e deturpações linguísticas acentuam-se na Galiza deslocando-se o centro de gravidade político do Norte para o Centro-Sul em Portugal e para Castela no que diz respeito da Galiza. As duas polas da mesma árvore afastam-se, uma sob a influência substrática moçárábica e a outra sob a pressão do castelhano. Enquanto a variante lusitânica, enriquecendo-se com as profundas renovações léxicas do Renascimento e do Humanismo que a fornecem dum vocabulário culto adequado do mesmo jeito do que as outras línguas romances; a variante galega fica ruralizada e reduzida a fala coloquial e familiar na que a única literatura existente que há é de tipo popular e oral. O castelhano passa-se a ser agora a língua de cultura dos galegos, assim como da administração, agindo de superestrato sobre a fala do país gerando uma situação de diglossia que leva a uma série de mudanças na língua dos galegos que ao lado das variações espontâneas da própria fala vai afastar o galego-português da Galiza do medieval.

Ao falar-lhe o modelo escrito, já que o modelo português fica afastado por razões políticas, a fala dialectaliza-se e castelhaniza-se ao ser utilizado o castelhano como modelo formal.

Assim, no léxico só se vai conservar em bom uso o pertencente ao âmbito rústico, rural e marinheiro, mas todo o léxico da administração e do mundo espiritual e/ou intelectual não fica desenvolvido suficientemente, desaparece o existente ou é substituído pelo castelhano (l).

Na Fonética vão-se produzir fundas transformações; umas como consequência da própria evolução da língua e outras condicionadas pelo espanhol mas todas elas vão determinar a feição da língua da época e daí em diante, mas também na grafia acabam por esquecer-se as formas medievais excepto algumas honrosas excepções; assim, quando se escreve em galego, faz-se com a ortografia do espanhol que mesmo se decalca das mudanças que a língua de Castela leva a cabo no século XVIII

Formas gráficas como o uso do B e do V, também do Ç e do Z à forma galego-portuguesa histórica que até a altura coincidiam com os usos em espanhol deixam de ser usadas quando a RAE (Real Academia Espanhola da Língua) decide mudar os seus usos no castelhano para a forma actual no ano 1726 ao publicar o “Diccionario de Autoridades”. Grafias como o “Que” “Qui” em palavras como “frequente” “aquifero” são deixadas pelo uso do “cue” “cui” (frecuente, acuífero) quando a própria RAE modifica a ortografia do espanhol no ano 1815. Mesmo os usos do acento são decalques das formas como a RAE preceitua para o espanhol esquecendo os que adaptam para a língua da Galiza a diferente abertura das vogais na língua do país e afastando os usos escritos do resto da lusofonia

Da mesma forma do que a maioria das línguas da Europa ficam fixadas por gramáticas, os estudiosos, linguístas e escritores que vão passar à história, na Galiza a nossa língua não vai acompanhar essas preocupações. A imprensa, recém descoberta, não vai trabalhar para a língua dos galegos na Galiza e só contamos com um pobre Vocabulário do Bachaler Olea no 1536 para além de achegas dos professores da Universidade de Salamanca Fernán Nunez e Gonzalo Correas.

A maior parte dos textos redigidos na Galiza são editados em latim ou castelhano enquanto a fala do país, aliterária e acultural fica ágrafa e dialectalizada pretensamente inútil para a ciência, a arte, a cultura e a religião, em favor do castelhano. Isto é a consequência das leis das Cortes de Toledo do 1480 que ordenavam o conhecimento obrigatório do castelhano para obter o título de escrivão, o que vai fazer quase desaparecer a língua dos galegos dos documentos oficiais. Isto, junto com outros condicionantes políticos e económicos faz com que o galego-português da Galiza esmoreça pouco a pouco do ponto de vista da escrita, mas não no oral do povo que o mantém como língua de uso normal e habitual. Só uma minoria próxima ao poder político usa e mantém o castelhano como a sua língua embora não possa subtrair-se à língua do país na que estão inseridos.

É no 1768 quando a Real Cédula de Aranjuez obriga a que no ensino se use o castelhano em toda a Coroa, o qual atinge também à Galiza, mas com muitos obstáculos para se impor porque a maioria da população galega está longe do ensino pela sua condição económica camponesa, marinheira e em qualquer caso popular e não de condição nobre quem sim, -os nobres- também já castelhanizados de antes podem aceder à instrução.

O galego-português desta época é maioritariamente falado embora exista algum texto escrito, sobretudo no período Barroco, como breves poesias ou obras de teatro como o “Entremês famoso sobre a pesca do rio Minho” de Gabriel Feijó de Araujo, ou os cantos natalícios, cantigas de cego, de berço, contos, cantos de trabalho, entruídos, regueifas, etc. A castelhanização lexical, ortográfica, morfológico-sintáctica e de estilo começa a fazer a sua aparição, mas é durante o século XVIII quando a ilustração começa também a fazer o seu trabalho de crítica e reivindicação. São os Padres Ilustrados os que contestam a situação sócio-económica, social, cultural e linguística do país, a situação de marginalização e marginalidade da língua. O Padre Feijó, O Padre Sobreira, O Cura de Friume e o Padre Sarmiento são os que empregam os seus esforços em reconhecerem a unidade linguística galego-portuguesa e aliás levam a cabo um trabalho de recolha lexical e de criação poética e reivindicação dum ensino na língua do país, mas não se pense com isto que é a igreja a que trabalha em prol da cultura e da língua do país, mas ao contrário, é esta instituição a que contribui com mais força no uso e introdução do castelhano entre o povo e na documentação, mesmo até o incumprimento do Concílio de Trento do 1562 no que se tivera acordado a utilização das chamadas línguas vernáculas no seu labor pastoral com o objectivo de que se pudesse entender melhor a mensagem cristã que até essa altura se vinha fazendo em latim. A igreja galega desatende isso até introduzir graves castelhanismos na fala popular como “iglésia”, “pueblo”, “Dios”, etc... (m)

Texto*Respice finem*

*Morte cruel, esa tredora mañá
de roubar de non cato a humana vida
con que ollos a podeche ver comprida
na santa Reina que hoxe perde España?*

*Se aquel rancor que te carcome e laña
che tiña a mao, para matar, erguida,
non deras noutra parte esa ferida
donde non fora a lástima tamaña?*

*Non se torçera aquel fatal costume
i a lei que iguala do morrer na sorte
os altos Reis cos baixos labradores?*

*Terrible, en fin, é teu poder, oh, Morte!,
pois diante de ti Reis e señores
son néboa, sobra, póo, son vento e fume.*

Pedro Vázquez de Neira. Relación de las Exéquias de la Reina Doña Margarita de Áustria. 1611.

-O Galego-Português Contemporâneo em Portugal e unificação da língua

Em Portugal, pola contra, o florescimento da língua é real e frutífero; a Academia Real das Ciências, fundada no 1779 polo Duque de Lafões e o abade Correia da Serra trabalha na fixação da língua com o vocabulário Português-Latino em 10 Volumes, e o Dicionário de Morais da Silva. O estudo da língua leva-se a cabo por personagens como Duarte Nunes de Leão mas a divagação retórica faz com que os resultados práticos venham com o aparecimento do Vocabulário Português feito por Bluteau, precursor do dicionário de Morais da Silva.

Os contactos com outras línguas e o tratamento culto da língua fan com que haja um aumento dos latinismos e neologismos assim como a um grande acrescimo dos galicismos mercê à hegemonia política e cultural francesa no século XVIII e XIX embora a entrada de formas holandesas, italianas, e das línguas nativas dos povos em contacto com os portugueses se faga sentir fundamente. O pedantismo da época sustenta um purismo que faz recuperar arcaísmos quinhentistas até que o critério histórico-comparativo senta as bases da literatura tradicional com o que vem a nascer o romantismo.

Já no século XIX, quando, o romantismo é o estilo à moda, a força de expressom dos grandes como Alexandre Herculano, Almeida Garret ou Camilo Castelo Branco abre passagem ao sentimentalismo e à entrada do léxico frances à moda.

Posteriormente o realismo é o seguinte estilo com o qual começa a literatura portuguesa de hoje junto com o conceito do português contemporâneo. Antero de Quental, Oliveira Martins e Eça de Queiros som os grandes dos fins do XIX começando o século com grandes vultos da literatura já nom só portuguesa mas universal como Teixeira de Pascoães, Sá Carneiro ou o grandíssimo Fernando Pessoa. No 1927 em Coimbra reunem-se em torno à revista “Presença” um grupo de literatos dos que há de salientar um de entre todos: Miguel Torga. Outros autores do XX vam ser Ferreira de Castro, Fernando Namora, Gomes Ferreira, Manuel Ferreira, Agustina Bessa e Luis e Vergílio Ferreira. (i)

Texto

*Liberdade, onde estás? Quem te demora?
 Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
 Porque (triste de mim!) porque não raia
 Já na esfera da Lísia a tua aurora?*

*Da santa redenção é vinda a hora
 A esta parte do mundo, que desmaia.
 Oh! Venha... Oh! Venha, e trémulo descaia
 Despotismo feroz, que nos devora!*

*Eia! Acode ao mortal que, frio e mudo,
 Oculta o pátrio amor, torce a vontade,
 E em fingir, por temor, empenha estudo.*

*Movam nossos grilhões tua piedade;
 Nosso númen tu és, e glória, e tudo,
 Mãe do génio e prazer, ó Liberdade!*

Rimas. Manuel Maria Hedois Barbosa du Bocage. S. XVIII

Texto

*Este inferno de amar –como eu amo!
 Quem mo pôs aqui n'alma...Quem foi?
 Esta chama que alenta e consome,
 Que é a vida –e que a vida destrói-
 Como é que se veio a atear,
 Quando –ai quando se há-de ela apagar?*

*Eu não sei, não me lembra; o passado,
 A outra vida que dantes vivi
 Era um sonho talvez... –foi um sonho-
 Em que paz tão serena a dormi!
 Oh! que doce era aquele sonhar...
 Quem me veio, ai de mim! Despertar?*

*Só me lembra que um dia formoso
 Eu passei...dava o sol tanta luz!
 E os meus olhos, que vagos giravam,
 Em seus olhos ardentes os pus.
 Que fez ela? Eu que fiz? –Não no sei;
 Mas nessa hora a viver comecei...*

Folhas caídas. João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garret. (1853)

Texto

*Terra da minha infância,
 Tecto de meus maiores,
 Meu breve jardimzinho,
 Minhas pendidas flores,*

Harmonioso e santo

*Sino do prebitério,
Cruzeiro venerando
Do humilde cemitério,
Onde os avós dormiram,
E dormirão os pais:
Onde eu talvez não durma,
Nem reze, talvez, mais,*

*Eu vos saúdo! E o longo
Suspiro amargurado
Vos mando. É quanto pode
Mandar pobre soldado.*

*Sobre as cavadas ondas
Dos mares procelosos,
Por vós já fiz soar
Meus cantos dolorosos.*

*Porque em meu sangue ardia
A febre da saudade,
Febre que só minora
Sopro de tempestade;*

*Mas que se irrita, e dura
Quando é tranquilo o mar;
Quando da pátria o céu
Céu puro vem lembrar;
Quando, no extremo ocaso,
A nuvem vaporosa,
À frouxa luz da tarde,
Na cor imita a rosa;*

O soldado. Alexandre Herculano. (1832)

Texto

Mar Português

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

Mensagem. Fernando Pessoa.

-O Ressurgimento linguístico e o século XX na Galiza

Com a entrada do exército francês na Galiza, esta vai começar a espreguiçar-se de três séculos de silêncio. A necessidade de chamar à gente à tropa para lutar contra o francês faz com que o galego seja utilizado como um instrumento útil para a captação mas também como instrumento literário. Fernandez de Neiva, Pedro de Andrade, Bento Fandinho ou Nicomedes Pastor Diaz som os primeiros em redigir textos na fala dos galegos embora muito vulgarizada e dialectalizada.

Já expulsos os franceses e já morto Fernando VII a Galiza vai deixar legalmente de existir como Reino. É no 1833 quando o Ministro de Isabel II, Javier de Burgos cria quatro províncias inconexas entre si e sem qualquer tradição como tais que fazem movimentar o país em grupos contrários a esta repartição ahistórica e destrutora dumha realidade de mais de catorze séculos de existência. Desde agora só vai existir o Reino da Espanha, já nunca mais o Reino da Galiza, o qual faz ranger as consciências dos galegos de cultura e cria o chamado “Provincialismo”, movimento que luta pela criação dumha província única para salvar a realidade política e administrativa galega. Este Provincialismo, primitiva forma de galeguismo, conduz a um levantamento militar no 1846, o chamado “Revolução de Abril” sufocada pela força polo exército espanhol que vai fusilar os seus líderes mais nomeados enquanto outros como Antolín Faraldo e Francisco Anhom podem fugir para Portugal.

Essa frustração política provoca umha saída cultural que vai fazer que se cultive a língua do país. Som, portanto, as primeiras personalidades deste galeguismo literário Rosália de Castro, Eduardo Pondal e Curros Henriquez, cujas obras vão ser consideradas clássicas das nossas letras contemporâneas embora a sua língua seja um reflexo dos dialectos populares da altura histórica, muito castelhanizados e vulgarizados. Aliás, Lamas Carvajal, Marcial Valladares ou João Manuel Pintos som outros autores de nomeada importância

Os escritores desta época, longe da tradição medieval e do seu conhecimento, botam mão do que conhecem, a língua mais castelhanizada no seu léxico, gramática, morfologia, sintaxe e ortografia embora os estudos posteriores tenham descoberto formas, na altura de uso comum, que mesmo servem para contestarem o isolacionismo actual por serem essas formas hoje proscritas, proibidas e mesmo banidas da consideração como galegas; consideradas lusismos pelas autoridades políticas, o qual é garantia para a sua rejeição e que do nosso ponto de vista som formas genuinamente galegas ou galego-portuguesas perdidas algumas delas, mas nom outras já que ainda vivem nas falas vivas, e que de qualquer jeito som ainda existentes em Portugal e mesmo perfeitamente recuperáveis para os usos cultos e literários galegos. É o modelo de língua castelhanizada na que se baseia o chamado galego que hoje se ensina nas escolas e se diz como língua diferente da portuguesa, declarado oficial pelas autoridades políticas da CAG, mas o facto de o seu cultivo ser real na altura política da que estamos a falar faz com que os galeguistas se preocupem da sua correcção e estudo. Saco e Arce ou Cuveiro Pinhol, ou outros, publicam gramáticas e dicionários e tratados sobre as suas recolhas de léxico. Por enquanto, a Galiza pobre economicamente e atrasada culturalmente vê os seus filhos emigrar a América, mas também vê ali onde há cultura, cultivar o pensamento, desta volta re-nomeado “Regionalismo”, sendo o marido de Rosália de Castro, Manuel Murguía o teórico do galeguismo mais importante dos finais do século XIX e começo do XX. Murguía só conta com a concorrência do também pensador Alfredo Vranhas, que parte de pressupostos mais politicamente correctos, até o ponto de ser ele o fundamento do “galeguismo” oficial da Galiza autonómica dos fins do século XX e começos do século XXI sob governos nom herdeiros do galeguismo histórico mas do franquismo mais anti-galeguista. (n)

Texto

*Probe Galicia, non debes
chamarte nunca española,
que España de ti s'olvida
cando eres, ay! tan hermosa.
Cal si na infamia naceras,
torpe, de ti se avergonza,
y a nai que un fillo despresa
nai sin corasón se noma.
Naide porque te levantes
che alarga a man bondadosa;
naide os teus prantos enxuga,*

*y homilde choras e choras.
Galicia, ti nos tes patria,
ti vives no mundo soia,
y a prole fecunda tua
se espalla en errantes hordas,
mentras triste e solitaria,
tendida na verde alfombra,
ó mar esperanzas pides,
de Dios a esperanza imploras.
Por eso anque en son de festa
alegre á gaitiña se oia,
eu podó decirche:
non canta, que chora.*

Rosalía de Castro: Cantares Gallegos

A Fala

*Nobre e armoniosa
fala de Breogán,
fala boa, de fortes
e grandes sin rival;
tí do celta aos ouvidos
sempre soando estás
como soan os pinos
na costa de Froxan;
ti nos eidos da Celtia
e co tempo serás
un lábaro sagrado
que ao trunfo guiará,
fala nobre, armoniosa,
¡fala de Breogán!
Ti, sinal misterioso
dos teus fillos serás
que plo mundo dispersos
e sin abrigo van;
e a aqueles que foran
nunha pasada edádefensores dos eidos
contra o duro román
e que aínda cobizan
da terra a libertá,
nun pobo nobre e forte,
valente, axuntará,
¡oh, fala armoniosa,
fala de Breogán!
Serás épica tuba
e forte sin rival,
que chamarás ós fillos
que aló do Miño están,
os bós fillos do Luso,
apartados irmáns
de nós por un destino
envexoso e fatal.
Cos robustos acentos,
grandes, os chamarás
¡verbo do gran Camoens,
fala de Breogán!*

Eduardo Pondal. Queixumes dos pinos

Começam com isto as primeiras agrupaçõs políticas de carácter galego e galeguista, e mesmo de defesa da língua face o castelhano. Começam portanto as disputas entre os seguidores dum achemento ao português e aqueles outros que defendem qualquer forma de isolacionismo. Há que dizer que os primeiros som os mais preparados do ponto de vista filológico-linguístico e os segundos aqueles que aceitam um populismo de pouca saída política e linguística mas o Século XX vai ser especialmente importante porque vai ser o século no que se reivindica a língua dos galegos com muita mais força do que outros séculos passados; vai ser o século no que a perda de falantes vai ser maior e mais maciça.; assim já no 1902 há um Real Decreto que pune os mestres que ministrem as aulas em galego, mas em troca o galeguismo cria o jornal “A Nossa Terra” no 1907, a Real Academia Galega no 1906 e as Irmandades da Fala no 1916 com finalidades normalizadoras e liderada por personagens que vam ser muito importantes durante o século que agora começa: Vicente Risco, Vilar Ponte, Castelao ou Otero Pedraio.

As Irmandades no ano 1918 declararam-se nacionalistas ao considerarem a Galiza como umha Naçom e com todos os condicionantes para ser considerada como tal. O fim da Primeira Guerra Mundial, a independência de muitos países do Leste da Europa sob poder austro-hungaro, turco e/ou russo, a criação da Sociedade das Naçõs e os catorze Pontos de Wilsom tenhem muito a ver com tudo isso.

Os próprios galeguistas de começo se século, e nomeadamente o grupo de Ourense vam criar a revista “Nós” que vai fazer um labor em favor da cultura galega, entendida num senso amplo, o seu câmpo de investigação, num labor imenso de recuperaçom etnográfica, histórica, geográfica, artística e linguística até. Cria-se o Seminário de Estudos Galegos dedicado ao estudo da língua e onde já se vam dar os primeiros desencontros entre os favoráveis à convergência com o resto da lusofonia e os isolacionistas.

Políticamente vai ser umha etapa muito interessante por ser pola primeira vez na que há umha representaçom galeguista importante em Madrid durante a Primeira República espanhola dos dous partidos políticos galegos, nomeadamente o P.G. (Partido Galeguista) e a O.R.G.A. (Organizaçom Republicana Galega Autónoma) que vam elaborar e conseguir para a Galiza um Estatuto de Autonomia política que aprovado pouco antes do levantamento do mês de Julho do 36 faz com que umha vez morto o ditador Francisco Franco possa ser possível o recuperar a autonomia política abortada com essa guerra.

No ano 1936 o General Francisco Franco alça-se em rebeldia contra a República legalmente constituida dominando a Galiza desde os primeiros meses. Os franquistas assassinam a todos aqueles opositores que se tivessem distinguido por defenderem interesses e ideias galeguistas assim como outras ideias sempre contrárias a eles. Assim, muitos do galeguistas, lembrando a situaçom do 1846, fogem do Estado Espanhol, desta vez para a América onde se organizam enquanto na própria Galiza a imposiçom do castelhano se fai brutal. O galeguismo em Argentina é o que vai manter o lume aceso da defesa do país e da língua em maos do liderado de Daniel Castelao quem no seu livro “Sempre em Galiza” marca as linhas a seguir no futuro dumha possível queda do poder político anti-galego. (o)

Textos

A fala galega

Na Península Ibérica, desprendéronse do baixo latín medieval tres lingoas romances que inda hoxe a dividen en tres bandas verticaes (ficando ó Norte o angulo euskérico).

Valle-Inclán carauterizounos cunha xenial comprensión da índole social dos pobos das tres falas: “Tres romances se formaron na Península -di-: catalán de comerciantes, galego de labradores e castelao de dominadores”.

Está recoñecido por cantos se ocupan destas cousas, que, de tódolos vínculos sociaes, é a fala a que máis sopra e carauteriza ós pobos, porque é o máis espirtual de todos, é o que conforma o pensamento e fai a maneira de ser das xentes. O troque de língoa determina, na maor parte dos casos, a dexeneración espirtual dun pobo. A Cuestión é deferente prós individuos do que prás nacionalidades. A proba é que a imposición da língoa foi sempre unha violencia que non descoidou ningún imperialismo: foi empregada por Austria cos checos e cos húngaros, por Prusia cos polacos, por Francia cos vascos i os provenzaes, por Castela cos catalás e connosco.

Mais a pesar da rabia conque o presiguen, o galego vive, fálase polas catro quintas partes da poboación, i achase hoxe nunha das súas épocas de maor frolecemento literario, convertíndose en instrumento de expresión centífica e de produción filosófica.

Agora, o galego i o portugués son dúas formas dialeutaes do mesmo idioma: esto indica que nós temos un maor parentesco con Portugal do que con Castela. Tres falas, tres civilizacións; nós pertencemos á civilización da banda oucidental, e culturalmente, pois que esí é filolóxicamente, nada temos que ver coas outras dúas. Queiramos ou non, esto trábanos fortemente, estreitamente con Portugal e coa civilización portuguesa.

Vicente Risco. *Teoría do nacionalismo galego*. 1920

Texto

A terra galega é, ao mesmo tempo, unha entidade étnica, pero de dificultosa reconstrución política, porque a fronteira portuguesa róubanos a esperanza de anovar en breve a comunidade nacional dos tempos suevos e visigóticos. Con todo, é doado esperar que o Bierzo e demais comarcas limítrofes de Ourense e Lugo, se incorporen ao seo da súa nación natural, e que o tempo -gran curandeiro dos erros hestóricos- posibilite a reconstrución total da nosa unidade. Non se pode creer que o río Miño, vello pai de Galiza -representado na franxa azul da nosa bandeira- siga sendo un lindeiro perdurable de dous Estados.

Galiza é a mellor esquina do solar hispánico, cabo do mundo antigo e avanzada de Europa no mar inmenso da liberdade. A arquitectura barroca do noso chán, labrada en pedra granítica, está sempre coberta por un manto de zugoso verdor. Os montes son redondos como peitos de muller e as serras son como lombos de boi cebado. Os vals son ledos e farturentos. O mar tolea de carraxe cando non-o deixan penetrar na terra; pero cando entra, quédase adormecido no leito das rias. Galiza é unha unidade territorial armónica, de formas e coor, perfectamente diferenciada do resto da Hespaña.

Un fillo de Galiza pode iñar que o seu idioma labrego e mariñeiro (“rustico”, como din os catedráticos casteláns), fose antano a língoa lírica de toda Hespaña; pero non hai galego que non se sinta orgulloso de ser fillo da terra mais fremosa do mundo. Cando un galego entra nas planuras de León ou de Zamora, síntese en terra allea, invadido pol-a tristura que producen os desertos. Cando entra en Asturias ten que afacer os seus ollos a un novo estilo de paisaxe. Pero cando traspón a fronteira portuguesa, síntese na propia terra, e non dá creto ás arbitrariedades da política hestórica.

Castelao. *Sempre en Galiza*. Cap. V. Livro 1º.

Som os anos 40, anos de obscuridom, repressom e guerrilhas anti-franquistas nos montes galegos, mas morto Castelao no ano 1950 e desfeito o galeguismo político na Galiza impom-se novamente, como após o levantamento do 1846, o culturalismo com a criação da editorial Galáxia até que nos 60 o regime vê-se na obriga de favorecer umha certa abertura política provocada pola situação internacional. Surgem os novos partidos nacionalistas que nom som herdeiros directos do galeguismo dos anos 30, mas dos movimentos de libertação nacional e de esquerda dos 60. Som a UPG (Uniom do Povo Galego) e o PSG (Partido Socialista Galego) que levam a fim as primeiras luitas sociais e culturais da época contra o franquismo. As celebrações dos 25 de Julho em Compostela som históricas polos confrontos com a polícia.

Texto

Os galegos de Buenos Aires denuncian perante a UNESCO a perseguição do seu idioma nacional polo Estado Espanhol

[...]O estado Hespagnol ven exercendo dende 1936 unha teimosa acción prohibidiva encol do cultivo das linguas rexionaes forneidas de tradición cultural enxebre.

A lingua galega e o mesmo catalán, donas unha e mais a outra de abundosa e nobilísima tradición literaria, cuios orixens remontanse aos tempos mesmos da formazon das culturas romances, son ouxeto de asañadas prohibicións por parte dos orgaismos estade que reitoran a vida cultural do pais.

Pra crarexar e fixar o verdadeiro acadamento d- ista aitividade prohibidiva, d-iste procedemento anticultural do Estado Hespagnol, queremos documentala con alguns feitos indestructibeles escolleitos ao chou. Non embargantes, sinalaremos coma argumentazon limiar, tres características de tipo xeral respeito ao funcionamento d-ista acción negadiva e que podemos concretare eisi:

a)[...] *Non pode publicarse ren, ausolutamente ren que non sexa previamente e isaminado e autorizado pol-a censura estatal[...]*

b)[...] *Nin o autore nin o imprentador d-un libro teñen regras ouxetivas a que aterse. A decisión do censor réxese eiscrusivamente pol-o seu avaliamto persoal ou por consiñas internas de censura[...]*

c)[...] *Moitas das prohibicións non constan en ningunha lei escrita e promulgada. Son simpres ordes da Autoridade gubernativa. Mais dado o carácter ditatorial do aitual Estado Hespagnol, as ordes gubernativas teñen n-aquíl pais total.a forza executiva e coercitiva d-unha lei, coa desventaxa pra o cidadán de que son pra il inapelabeles.[...]*

Istas tres características xeraes do funcionamento da censura estatal, exercense con tudo o seu poder negadivo encol do desenrolo cultural das linguas rexionaes. Unhos cantos datos concretos abondarán pra facelo evidente.

I) *A prohibición da publicarse revistas ou xornaes culturaes ou informadivos nas linguas catalá, galega e vasca. Non hai ningunha lei que o prohiba por escrito, mais o orgaismo estatal correspondente, n-iste intre a Dirección Xeral da Prensa-, non-os autoriza e sua denegazón e inapelábele.[...]*

II) *Á prohibición de publicare revistas ou xornaes en lingua galega ou catalá, engadiuse a de publicarse artigos ou notizas nas linguas ditas. Os xornaes de Galiza, anque escritos en castelán, publicaban as vegadas colaboración en galego. O aitual Director Xeral da Prensa enviou unha circular a tool-os directores dos xornaes de Galiza, prohibindolles, termiñantemente o uso da lingua galega.[...]*

III) *A prohibición de empregar a lingua galega nas conferencias ou aitos culturaes. Na Galiza eisiste dende 1905 a “Real Academia Galega”, cuia misión oficial é, mesmamente, vixiar pol-a enxebreza idiomática da nosa lingua.[...]*

IV) *A prohibición de publicare traducións de linguas modernas ao catalán, galego ou vasco.[...]*

V) *A prohibición tallante aos escolantes pra utilizare a lingua galega.[...]*

VI) *Identica prohibición que a devandita, contalle aos cregos de utilizar a lingua galega nos sermóns, apesares da obriga canónica de predicare o Evanxelo na lingua dos feles. Namentras estudan a carreira e permanecen internos no Seminario próhibeselles incluso que o falen entre si nas conversas privadas.*

VII) *A todas istas prohibicións hai que engadir o feito de que en ningún dos centros de insino de Galiza, incruida a Universidade de Sant Iago de Compostela ensínase a lingua e a literatura galega.[...]*

Istos son os feitos que promoven nosa denuncia. No nome de unhos dereitos humanos aos que ningún membro de UNESCO pode permanecer insensible, acodimos ao sentimento de responsabilidade cultural que seu outo papel representativo lles impón, non pra pregarlles acordos condanatorios tomados oficialmente pol-a UNESCO, pois sabemos que a dificultade de taes acordos é superior a vountade individual das persoas que a compoñen, mais si pra pedirlle a cada unha d-istas persoas que faga patente sua individual repulsa moral fronte aos métodos abourantes que o Estado Hespagnol ven apricando ás linguas galega, catalá e vasca.[...].

A Nosa Terra. Buenos Aires, Novembro de 1954. Pag 1

Na defensa da língua, a figura de Dom Ricardo Carvalho Calero, velho galeguista, repressaliado nos 40, vai ser fulcral no que diz respeito da defensa do reintegracionismo, mas também a Universidade de Compostela dirigida desde o poder político cria o ILG (Instituto de la Lengua Gallega) na defensa dum galego regional e dialectal nom perigoso para a situaçom diglóssica reservada para a Galiza.

A Nova Cançom galega fai proliferar as cançons protesto em galego e a TVE começa a emitir em galego. Há que salientar a curiosidade de o grande Zeca Afonso ser um grande ícone da liberdade da Galiza desta época pré-autonómica.

O ruído do galeguismo é grande, mas o castelhano vê-se avançar dia a dia, agora com os média em espanhol, todos eles excepto uns minutos dos informativos da TVE. As camadas populares começam-se a ver castelhanizadas e o galeguismo sem norte no que diz respeito da língua nom sabe agir contra essa maré que se lhe vai acima.

Morto Franco, no 1975, o Estado Espanhol reinstaura a Monarquia Borbónica e recupera a autonomia para a Galiza votada no mês de Junho do 1936. A língua vai ser declarada co-oficial ao par do castelhano o qual é umha grande notícia para o galeguismo que tinha lutado e mesmo morto por essa causa, mas para essa oficialidade vai precisar umha norma de correçom que nom vai ser outra que a proposta polos isolacionistas do ILG juntamente com a aliança dos académicos nom linguístas da RAG

(os que botaram anos estudando a língua, nomeadamente Dom Ricardo Carvalho, Dom Jenaro Marinho e outros como Ernesto Guerra da Cal foram banidos da tomada das decisões da Academia), justo os que tinham manifestado o seu critério reintegracionista, mas é momento da reacção e surge a AGAL (Associação Galega da Língua) defensora das teses dos três galeguistas anteriormente nomeados.

No ano 1982 sendo Conselheiro do Governo da recém criada “Xunta de Galicia” José Fernando Filgueira Valverde, ex-alcaide franquista da cidade de Ponte Vedra legaliza-se por um procedimento muito discutível umhas normas ortográficas e morfológicas para o idioma galego e imponhem-se sem qualquer forma de debate nem discussom entre defensores de ambas as teorias linguísticas no ensino e posteriormente nos meios de comunicação. Ser “lusista” passa-se a ser algo assim como um fora da lei e portanto começa a aplicar-se a política linguística do partido do governo da “Xunta”, do PP a qual começa a dar os seus frutos quando a começos do século XXI a UNESCO determina que a língua dos galegos está em perigo de desapareçom de continuar essa política. A informação oficial reconhece essa informação mas teima na bondade da sua acçom mas os dados e os números dos estudos estão à vista: o número de utentes é o menor de toda a história da Galiza e a qualidade da língua é a pior de todos os tempos, portanto, quantidade e qualidade em situação de retrocesso marcam o começo do século XXI no que diz respeito da nossa língua no território na que a viu nascer. (o)

Texto

Gallaecia, viveiro de romances

Nos últimos tempos da dominação romana, o nome Gallaecia, do que se deriva o de Galiza, designava um território muito mais extenso do que hoje adoitamos considerar como o âmbito geográfico sobre que está implantado o nosso idioma. Atingia o Douro, e nom somente nos seus limites coa Lusitânia avaçava além dos seus confins actuais, senom que penetrava tamém profundamente na meseta. Se comparamos o mapa administrativo da Gallaecia romana desde Diocleciano co mapa linguístico que nos amostra a distribuição dos estratos prerromanos, podemos compreender que a denominação de Gallaecia aplicada a todo o território da antiga província nom era arbitrária.

Nesse território, como pode comprovar-se consultando o correspondente mapa de Untermann, agolpam-se os topónimos que contemhem o sufixo –briga (ou a sua variante –bre). Existia, pois, naquela zona, umha –relativa- unidade linguística, conformada por um estrato indoeuropeu que se opom à caracterização do resto da península, que nom está imersa no europeísmo. As falas galaicas, pois, por mui diferentes que se apresentassem, conheciam um nível ário que falta nos territórios das demais províncias, implantou-se, logo, o latim em Gallaecia sobre uns estratos nalgumha medida influídos polo domínio celta, pois celta ou para-celta é o indoeuropeu hispánico. Recorrendo à necessária abstracçom, e coas cautelas e reservas que toda abstracçom implica, podemos falar, em consequência, dum latim gallaeco, do que se derivou um prerromance galaico e mesmo um protorromance galeco, que se estendia, diversificado em distintas realizações, do Atlântico à cordilheira Ibérica.

Este prerromance ou protorromance tivo que apresentar primitivamente duas variantes, a atlântica e a mesetenha; é dizer, o fundamento do galego e o fundamento do leonês. E ambos romances, em contacto com formas idiomáticas exteriores, produzirom duas inflexions ou dialectos que estavam chamados a eclipsar culturalmente, como consequência da sua fortuna política, as respectivas polas nas que agromaram. Implantado sobre o adstrato euskara, convertido às vezes em substrato pola penetração política leonesa, ou em superestrato polas vicissitudes de repovoaçom, o leonês deu origem ao castelhano. Português e castelhano seriam, pois, originariamente, dialectos fronteiriços do galego e do leonês, respectivamente. A Gallaecia seria um viveiro de romances.

Cando os nossos eruditos ou afeioados do século XIX incidiam teimosamente no erro de considerar o castelhano como un derivado do galego, nom faziam senom confundir, segundo a exposiçom anterior, o galego co galaico, ou galaeco. Deste si se derivaria o castelhano, mas nom através do galego –galeco ocidental- senom através do leonês –galeco oriental-.

Ricardo Carvalho Calero: “Da fala e da escrita”

Texto*CANTIGA AMIGA**Ai, amiga!*

*Eu sou amor marinheiro
 Marinheirinho do mar
 Sempre pelas altas ondas
 Da minha alma
 A navegar*

Ai, amiga!

*EU
 Nesse mar
 TU
 No porto do teu coração
 Dorida
 Se algum dia eu arribar
 É p'ra nova despedida
 Ai, amiga!*

*Eu não sou para ficar
 Eu sou amor de sarpas
 E singlar
 Sem acougar
 Numa perpétua partida
 Pelo mar da minha alma
 No barco da minha vida*

*Rio de Sonho e Tempo. Ernesto Guerra da Cal. 1959***Texto**

Quem falava era um velho firme que nom se deixava vencer polo tempo. Vivera muito e tudo recordava com feliz memória e recordando vivia. Ainda depois de muitos anos residente nos Estados Unidos de Norteamérica conservava a linguagem e o acento cantarino da Marinha galega com inteira espontaneidade e resultava grato escuitar aquel velho emigrante que sabia manter louçás as raízes originais. Nom se apresentava fácil calcular a sua idade; mas haviam de ser muitos anos os que levava andados sobre a côdea deste mundo, apesares de que o seu corpo, de pés a cabeça, nom denunciava grande deterioro, mantinha umha nobre presença e tampouco a sua mente vacilava.

A Vida Escura. Jenaro Marinhos. 1987

A perda de falantes do galego ao longo do século XX (Segundo Martinho Montero Santalha) (p)

Ano de nascimento	Nenos com língua inicial nesse período	Falantes perdidos nesse período	Percentagem total de falantes perdidos
Até 1900	93%	7%	7%
1901-1910	90%	3%	10%
1911-1920	86'4%	3'6%	13'6%
1921-1930	81'8%	4'6%	18'2%
1931-1940	76'4%	5'4%	23'8%
1941-1950	69'8%	6'6%	30'4%
1951-1960	61'8%	8%	38'4%
1961-1970	50'7%	11'1%	49'5%
1971-1980	39'1%	11'6%	60'9%
1981-1990	23'8%	15'3%	76'2%
1991-2000	5'3%	18'5%	94'7%

-A Nossa Língua no Brasil

Pedro Álvares Cabral descobre as terras do Brasil acidentalmente no ano 1500. A partir desse momento portugueses e castelhanos disputam essas terras do Sul da América que ficam para a coroa portuguesa que vê nesse imenso território povoado por indígenas ameríndios muito atrasados um amplo país onde expandir a cultura, a língua e os valores galaico-portugueses.

O grandíssimo país estava povoado por índios tupis e polos tapuias, sendo o primeiro grupo étnico junto com a sua língua os mais importantes, superando no seu número e utilidade ao próprio galego-português num princípio no que só era utilizado pela elite colonizadora, enquanto o tupi servia para a tomada de contacto entre europeus e indígenas embora o português acabasse abrindo-se caminho pela sua riqueza e desenvolvimento absorvendo pouco a pouco os indígenas que mais contacto tinham com os europeus, mas de qualquer jeito uma inúmera listagem de palavras tupis entram por necessidade na língua que temem mais a ver com o léxico tradicional da flora, da fauna e objectos de utilidade prática e diária assim como com o mundo das crenças e fenómenos naturais.

Pela sua vez e ao mesmo tempo da chegada dos brancos europeus no Brasil chegam também os pretos na sua condição de escravos dos primeiros. As etnias maioritárias provenientes de África são os iorubas e os quimbundos, ambos importantes porque eles também vão acrescentar a riqueza léxica da língua nascida na velha Gallaecia.

Os escravos aprendiam a língua dos amos e os mesmos filhos dos amos eram criados por uma mãe-preta enquanto eram crianças e brincavam com outros “moleques”, nenos pretos que também faziam sua a língua dos amos.

Também por sua parte o Ioruba, sobretudo, acrescentou o léxico português no que diz respeito ao mundo espiritual e tradicional.

A final, a fala brasileira apresenta traços de muito arcaísmo por ser a língua trazida da Europa no S. XVI consolidada pela distância com a metrópole e próxima por isso ao originário galego.

-A Evolução do galego-português no Brasil

Segundo P. Vazquez Cuesta e M. Albertina Mendes da Luz, no português do Brasil podemos distinguir três etapas:

É a primeira desde o começo da colonização até o 1654, ano da expulsão dos holandeses. Nesse período histórico o tupi é a língua franca por ser o número de brancos muito inferior ao dos indígenas que na sua mistura fazem surgir o chamado “mameluco”, mistura de branco e índia. Também na língua se manifesta essa mestiçagem num crioulo que nada tem a ver com o correcto português da minoria europeia das cidades principais.

Os holandeses nessa altura queriam apanhar o território brasileiro aos portugueses mas ao final só ficaram com o actual Suriname. Fôrom expulsos no 1654 e Portugal embora perdesse muitos territórios do Oriente asiático como preço à sua debilidade surgida após a segunda independência da Monarquia Hispânica e o seu estado de falência económica e portanto também militar. Portugal preferiu assegurar o Brasil ficando assim com as suas maos livres para continuar o processo de colonização incompleto.

A segunda etapa vai desde o 1654 até o 1808, data na que a Corte portuguesa vai ser deslocada de Lisboa para o Rio de Janeiro fugindo das tropas francesas que nessa altura ocupavam a península Ibérica. Os pretos crescem em número, tanto os vindos de África como os já nascidos no país. O tupi perde importância deixando a porta aberta à penetração do português.

A grandeza territorial do Brasil precisa explorações e colonizações interiores pelo que os portugueses enviam “bandeirantes” às terras do interior chamadas “sertões” acrescentando com o seu avanço os limites da língua e causando retrocesso às falas indígenas. A cultura dos portugueses nascidos no Brasil começa a colher importância com as primeiras academias literárias como a d’ “Os Esquecidos”, ou “Os Felizes”, “Os Selectos” ou “Os Renascidos”, surgindo a finais do século XVIII os primeiros ideais independentistas da mão da “Geração Mineira da Inconfidência”

A terceira etapa começa com a vinda do Rei português para o Rio fugindo do Napoleom, o que fijo crescer a urbe e assente a fala portuguesa por acima das falas dos crioulos brasileiros. O movimento histórico converte o Brasil em império no momento da sua independência o qual favorece umha movimentação cultural indigenista e romântica na que se tenta tingir também de indigenismos a língua. Som Gonçalves Dias e José de Alencar as figuras que marcam o modelo a seguir polos escritores da época.

Posteriormente a reivindicação da liberdade para os pretos tinge a geração seguinte com Castro Alves ou Machado de Assis e é no século XX, já, quando o português acaba por se impor como língua única culta e literária do país, nom tendo a vontade os diferentes literatos do primeiro movimento literário importante do século, o Modernismo, de quebrarem a unidade linguística do seu país com o Portugal europeu.

Som alguns dos autores deste século Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes ou Jorge Amado. (q)

As Antilhas Holandesas (Ilhas de Curaçao, Aruba e Bonaire)

Estas Ilhas situadas ao norte da Venezuela falam um crioulo português desde o Século XVII onde hoje é língua oficial junto com o Neerlandês mas com influência do espanhol. Fôrom umhas ilhas vinculadas ao mercado de escravos vindos de África para além de ter existido antes umha comunidade de judeus de fala portuguesa fugidos das perseguições em Portugal.

Suriname

Neste país do Sul da América e fronteiro com o Brasil e ex-colónia Holandesa fala-se para além do neerlandês um crioulo português chamado Saramacano com quase 25.000 falantes da tribo do mesmo nome e mais outros 2.000 a tribo dos Matawai. A influência inglesa e holandesa deixa sentir o seu peso mas a influência, sobretudo lexical portuguesa é muito importante. A sua origem tem sido no século XVII onde havia umha comunidade judia que falava português mas que misturou com o inglês dando um pidgin chamado Dju-Tongo, mas há qualquer autor que defende a tese de ter sido o resultado da mistura dum crioulo inglês e um português falado por escravos pretos fugidos da plantação de Emanuel Machado no 1690. Esse crioulo português dos escravos pretos seria o falado polos escravos trazidos da África ocidental.

Texto

Vivia, desde sua volta, a roer um despeito medonho. Fizera-se mais amarela sua habitual palidez, ameaçava um ataque de bñlis. O vulto de Vasco Moscoso de Aragão, seus cachimbos, os instrumentos de navegação, os mapas e navios enquadrados, luneta e telescópio, seu altaneiro boné, dominavam Periperi de ponta a ponta, da estação à praia, não havia lugar para outra importância, outra

celebridade, outro herói. Pitando seu cigarro de palha e fumo de corda (de que valia um cigarro de palha, por mais malcheiros, ante um cachimbo de espuma do mar, perfumado tabaco?), ruminava Chico Pacheco rancores e planos de vingança.

No entanto –reflectia– estava na cara, só não enxergava quem não quisesse ou esses parvos ouvintes já mais do lado de lá, no caminho do cemitério. O néscio do Zequinha Curvelo, esse, de tanto admirar, virara marinheiro de 2ª classe, andava atrás do charlatão como um ordenança, conduzindo-lhe a luneta para a grotesca cerimónia de inspeccionar a baía do alto dos rochedos, à entrada dos navios. Juntava gente para ver, era como se o porto da Baía estivesse agora sob a guarda e a direcção dos habitantes de Periperi. Ao descer, Vasco anunciava:

–É um pacote holandês. Manobra perfeita...

ou revelava, sigiloso:

–Um cargueiro do Panamá...Deve conduzir muito contrabando...

Os Velhos marinheiros ou o Capitão de Longo Curso.. Jorge Amado

Texto

8.É tempo

Mas é tempo de tornar àquela tarde de novembro, uma tarde clara e fresca, sossegada como a nossa casa e o trecho da rua em que morávamos. Verdadeiramente foi o princípio da minha vida; tudo o que sucedera antes foi como o pintar e vestir das pessoas que tinham de entrar em cena, o acender das luzes, o preparo das rabecas, a sinfonia... Agora é que eu ia começar a minha ópera. “A vida é uma ópera”, dizia-me um velho tenor italiano que aqui viveu e morreu... e explicou-me um dia a definição, em tal maneira que me fez crer nela. Talvez valha a pena dá-la; é só um capítulo.

Dom Casmurro. Machado de Assis.

Texto

Lembrou-se da casa velha onde morava, da cozinha, da panela que chiava na trempe de pedras. Sinhá Vitória punha sal na comida. Abriu os alforjes novamente: a trouxa de sal não se tinha perdido. Bem. Sinhá Vitória provava o caldo na quenga de coco. E Fabiano se aperreava por causa dela, dos filhos e da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, sabida como gente. Naquela viagem arrastada, em tempos de seca braba, quando estavam todos morrendo de fome, a cadelinha tinha trazido para eles um preá. Ia envelhecendo, coitada. Sinhá Vitória, inquieta, como certeza fora muitas vezes escutar na porta da frente. O galo batia as asas, os bichos bodejavam no chiqueiro, os chocalhos das vacas tiniam.

Se não fosse isso... An! Em que estava pensando? Meteu os olhos pela grade da rua. Chi! Que pretume! O lampião da esquina se apagara, provavelmente o homem da escada só botara nele meio quarteirão de querosene.

Pobre de sinhá Vitória, cheia de ciúdos, na escuridão. Os meninos sentados perto do lume, a panela chiando na trempe de pedras, Baleia atenta, o candeeiro de folha pendurado na ponta de uma vara que saía da parede.

Estava tão cansado, tão machucado, que ia quase adormecendo no meio daquela desgraça. Havia ali um bêbedo tresvariando em voz alta e alguns homens agachados em redor de um fogo que enhia o cárcere de fumaça. Discutiam e queixavam-se da lenha molhada.

Faviano cochilava, a cabeça pesada inclinava-se para o peito e levantava-se. Devia ter comprado o querosene de seu Inácio. A mulher e os meninos aguentando fumaça nos olhos.

Acordou sobressaltado. Pois não estava misturando as pessoas, destinando? Talvez fosse efeito da cahçaça. Não era: tinha bebido um copo, tanto assim, quatro dedos. Se lhe dessem tempo, contaria o que se passara.

Ouviu o falatório desconexo do bêbedo, caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso?

Vidas Secas. Graciliano Ramos.

-O Galego-Português em Ásia

Quando o Reino de Portugal começou a sua expansão marítima fijo-o por abrir caminhos comerciais que a Coroa castelhana lhe obstruía por terra com a Europa. A inquiriçom de novas terras em procura das especiarias levou-no a perscrutar toda a costa africana até chegar ao Oceano Índico onde desde a costa da península arábica até a mesma Oceânia e Japom propalavam os portugueses a nossa língua até o ponto de os nativos de todos esses países conhecerem ou pelo menos perceberem o português por necessidades comerciais, económicas e de relacionamento. Essa presença foi constante durante toda a Idade Moderna sendo a língua galego-portuguesa a língua franca de todo o Índico conhecida pela imensa maioria dos povos nativos com os que os navegantes tomavam contacto, mesmo também com os britânicos, holandeses e dinamarqueses lançados também a empresas de navegaçom e que viam a necessidade de conhecerem e falarem o português se se queriam fazer perceber nas costas do Sul e do Sueste da Ásia. Reis, nativos, famílias da nobreza dessa região do planeta deviam saber português a até faziam dela a sua língua mae em muitos casos.

Na nefasta época filipina na que Portugal se viu envolvido fazendo parte do Império Hispânico, as colónias portuguesas do Índico deixadas da mão de Deus polo chamados Reis da Monarquia Hispânica, bem por nom entrarem nos seus planos estratégicos, bem porque esses mesmos reis eram autênticos ineptos à hora de defenderem o que na altura também era património da Monarquia foi que a maior parte das colónias foram atacadas e em alguns casos conquistadas por Holanda ou o Império Britânico. A situaçom de debilidade após a independência do 1640 faz com que Portugal nom tenha forças para defender o que desde havia anos era seu polo que acaba perdendo muitas das ilhas e territórios do Oriente Asiático. Holandeses e Ingleses arrapanharam sem pudor e sem dor muitos dos países anteriormente portugueses que se passaram aos novos impérios perdendo pouco a pouco a herança linguística colonial originária embora o custo para a língua ser desenraizada foi importante para os novos colonizadores. Foi após a conquista do Ceilam para os holandeses sob as ordens de Van Goens no 1654 quando estes levaram a cabo um labor de extirpaçom do português da ilha mas o resultado foi que mesmo até anos mais tarde os burgueses holandeses deviam saber português para se entenderem com os nativos do país. Mesmo é no 1704, quando o Governador Cornelius Jan Simonsz diz “Se Vc. fala português no Ceilam, Vc. é percebido em todo lugar” o que reafirma a ideia de o português estar fundamente arraigado na populaçom. No século XVIII na actual Jakarta (Batávia na altura) o português é língua habitual. Tudo isso após as tentativas frustradas de desentrenharem a nossa língua por parte dos novos conquistadores quem nom tiveram mais remédio em muitos casos que eles mesmos evangelizarem ou administrarem em português. De tudo isso ainda ficam hoje comunidades que falam os “crioulos”, misturas das línguas nativas com o português e das quais vamos nomear algumas:

Timor Lorosae:

No ano 1950 nom chegavam a 10.000 os lusoparlantes até que no 1975 foi ocupada pola Indonésia que levou a cabo um genocídio embora nengum país reconhecesse a anexaçom. No 1981 o português foi substituído polo Tetum até que no 2001 o país consegue a sua independência optando polo português como língua oficial sob a norma brasileira.

Malásia:

O Kristang ou Papia kristang de Malacca onde quase 1000 pessoas falam esse crioulo embora também falado em Singapura e Kuala Lumpur, e também em Penang onde já está extinto. Há umhas 12.000 pessoas descendentes de portugueses na Malásia agrupados em associaçoms que tentam defender os seus direitos. Estes territórios deixaram de ser portugueses no 1641 para passarem a fazer parte da Holanda

Na Indonésia:

Tugu-Jakarta: Falou-se o crioulo pola populaçom cristã até o século XX.

Ilhas Flores: Fôrom ilhas portuguesas até que no 1667 passaram-se para a Holanda. A Ilha de Larantuka ficou portuguesa até o 1859 sobrevivendo a língua nas tradiçoms cristãs de todas as ilhas.

Ilhas Molucas: Existiu um crioulo falado na ilha de Terbete e West Halmahera hoje extinto embora se vejam os seus restos na fala popular da ilha de Ambon.

Ilha de Java: Os Mardijkers som os descendentes dos antigos escravos que falavam um crioulo português.

Ceilam/Ceilão ou Sri Lanka:

Há umhas 250 famílias em Batticaloa mas alguns emigraram para Austrália. Há também outras 100 famílias em Tricomalee e outras 80 Afro-Sinhalese em Puttalam, para além dumha pequena comunidade de descendentes de portugueses em Wahakotte, católicos que perderom o português no século XX. No Leste da ilha, hoje Sri Lanka, há umha comunidade burguesa holandesa que falava português até o século XX, após a segunda guerra mundial que começaram a usar do inglês sobretudo nos serviços religiosos. Esta ilha deixou de ser portuguesa no 1658 para fazer parte da Holanda.

A Índia: No que diz respeito da região continental, no que hoje conhecemos como União Índia há estas comunidades:

Korlai: Onde vive umha comunidade religiosa cristã de quase 1000 pessoas que falam um crioulo. Deixou de ser portuguesa no 1740.

Goa: Ainda hoje é falado o português por quase 50.000 pessoas em processo de banimento pela imigração indiana de outros estados indus. Ainda se ensina nas escolas e na Universidade. Vem-se ainda cartazes em português pelas ruas embora o Estado de Goa passa-se a fazer parte da União Índia no ano 1961.

Damão: Ainda 2000 pessoas falam português. Passou a fazer parte da Índia no 1961 juntamente com Diu e Goa.

Diu: Aqui o português está já extinto.

Cochim: Comunidade católica cujo português foi em número muito maior e mais importante do que em outros lugares.

Bombaim: Junto com os territórios de Mahim, Bandora, Thana, Curla, Baçaim, Salsette, Cherai, Tecelaria, Dadar, Parel, Cavel, Gorai, Morol, Andheri, Versora, Malvan, Manori e Mazagão. O português nesta zona desapareceu há uns 20 anos sem que Portugal fizesse nada para a sua manutenção.

Coromandel: Os portugueses som conhecidos como “Topasses”. Hoje nesta região fala-se inglês para além das línguas nativas.

Negatapam: Desapareceu o português aqui nos começos do século XX.

Bengala: O português foi língua franca até o século XVIII momento no que se vai perdendo e corrompendo em favor do inglês. O Bangla, língua do país tem cerca de 100 palavras provenientes do português.

Cannanore.

Mangalore.

China:

Macau: Neste imenso país que é a China há umha comunidade lusoparlante de 15.000 pessoas espalhadas entre Macau e Hong-Kong. No primeiro enclave é onde estão a maioria dos lusoparlantes e onde existem jornais em português e um canal de TV embora desde o 1999 fai parte da República Popular China e portanto com o chinês como língua prioritária.

Hong-Kong: Em Hong-Kong há umhas quantas centenas de pessoas que falam macauense, o dialecto português do Macau, sobretudo emigrantes desse território. Há que salientar que Hong-Kong nunca foi português, mas inglês.

-O Galego-Português na África

Até aproximadamente os fins do século XIV e começos do XV Portugal manteve a ideia de unificar todo o ocidente pensinsular num só reino herdeiro directo do primeiro Gallaeciense Regnum, mas no momento no que Castela se fai com a hegemonia peninsular, Portugal vira as costas a Castela, e portanto à Galiza e procura a sua supervivência no além-mar. A ideia religiosa dum rei cristão na África, o Prestes Joam, junto com a ideia da existência de ouro no Sudão para além das especiarias tam procuradas na Europa da altura, figerom com que os dirigentes portugueses apoiados por umha burbuesia lisboeta aventureira e empreendedora, se botassem às descobertas dum mundo que ainda estava por mostrar-se para o homem da Europa do último século da Idade Média e que para Portugal começava pertinho, do outro lado do Albarbe, na África.

Fôrom as Ilhas Canárias, as Ilhas da Madeira e dos Açores os primeiros lugares ocupados polo Reino de Portugal nos começos do XV, para posteriormente lançarem-se em vertiginosa procura pelas costas africanas até o ponto de ser toda a Costa do continente africano desde estas ilhas até o Mar

Vermelho lugares onde Portugal e o português tinham o seu campo de acção como país de influência e como língua em contacto com os povos que habitavam essas regiões. Portugal tinha o domínio comercial e a sua/nossa língua era a língua na que todos se entendiam para fazerem as trocas e os negócios. Figuras como Dom Henrique o Navegador, Diogo Cão, Vasco da Gama, etc, foram os primeiros personagens importantes desta aventura de expansão pelo continente africano. Daí para sempre, alguns países como o Cabo Verde, Guiné, Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe e outros unidos a um Portugal florescente, sempre por uma inteligente política de alianças com os indígenas e com a encomenda da cristianização que o Papa lhes impunha ficaram com a nossa língua galego-portuguesa como uma língua que eles entendiam também como sua. Isso não quer dizer que os abusos, a escravatura e o sangue não tivessem feito a sua presença como em toda acção imperialista.

O sonho dumha África central portuguesa para além dos países costeiros já consolidados como tais e dependentes de Portugal presente sempre até que em plena época do apogeu do imperialismo europeu, no século XIX, o Congresso de Berlim no 1884 apagou as esperanças portuguesas e mesmo chegou a haver a possibilidade de a Angola e o Moçambique terem-se passado ao domínio alemão e inglês respectivamente se não fosse porque a guerra dos boers e a inimizade germano-italiana anterior a Primeira Grande Guerra estropiasse essa vontade contra os interesses de Portugal, mas foi no 1974-1975 quando estes países africanos conseguiram a sua independência permanecendo a língua galego-portuguesa como língua oficial pelo menos nos cinco países hoje denominados PALOP (Países de Língua Oficial Portuguesa), nomeadamente, a Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e ainda noutros enclaves que embora já não portugueses na altura nem com uma territorialidade que poderia configurá-los como possíveis Estados conservavam a língua pelo contacto secular com a Europa.

Angola

A nossa língua em Angola esteve presente desde o século XV, no entanto, não se impôs à força como pôde ser noutros lugares do mundo, pois os portugueses acabaram adaptando as suas vidas às línguas autóctones do país; dez línguas de raiz bantu, mais ou menos, com os seus dialectos, sendo as mais importantes o Mbundu, o Chokwue, o Lunda, o Kimbundu. Não existia uma unidade nacional nem relacionamento natural entre muitas tribos da região, mas o galego-português serviu de língua franca entre todos os africanos da zona até que a necessidade da independência, desde o 1961 fez com que se superasse o tribalismo e em vez de escolheres uma das línguas indígenas para a comunicação inter-angolana, o qual geraria conflitos, acabaram por adaptar o português como idioma neutro e garantia de unidade. Os jovens começavam a aprender português desde um 1% de lusófonos nos começos da guerra anti-colonial, todos eles ou vindos da Europa, ou filhos de brancos, mestiços ou pretos vinculados aos portugueses, para passar-se a ser a língua veicular dos novos angolanos uma vez conseguida a sua independência e reconhecerem o português como língua oficial desde o 1975, assim como língua de alfabetização. Hoje mais do 20% dos angolanos têm o português como língua materna, e mais do 60% são competentes nela.

Moçambique

Também o português foi língua franca na costa oriental da África desde o século XV e mesmo na África do Sul, na colónia do Cabo e Natal onde já no XIX começa a perder-se no último país por influência do inglês.

Durante a Idade Moderna provavelmente a estrutura económica social e até linguística não mudou nas colónias portuguesas com uma cultura Swahili forte e o islamismo presente. É no 1752 quando o Moçambique se passa a depender directamente do Portugal e só desde o 1886 as campanhas militares para assegurarem a sua presença nesse território, campanhas que acabam no 1918. Só desde este momento começa o português a sua difusão por todo o país. No 1930 cria-se através do “Acto Colonial” o ensino indígena e com ele a instrução em português. Surgem os primeiros jornais como “O Africano” ou “O Brado africano”, os primeiros centros urbanos e uma elite culta em galego-português que provém da metrópole com a chegada de 50.000 colonos por volta do 1850 e mais de 90.000 no 1960. Isso fez com que favoreça a língua e a sua difusão no país.

No momento da independência, só o 1% da população moçambicana falava português, mas hoje, mais de vinte e cinco anos da mesma, e segundo os dados do Censo do 1997, a nossa língua é falada por volta do 40% da população.

Guiné Bissau e Cabo Verde:

Foi o navegante Nuno Tristão o que chegou as costas ocidentais da África Sub-Saariana sendo estes territórios chave do trânsito do ouro e dos escravos mas só desde o 1889 é quando houve um governador português embora o comércio estivesse sob controle francês e inglês o qual só foi recuperado para Portugal no 1932. Desde o 1956 foi que começou a luta pela independência tanto da Guiné como do Cabo Verde liderada pelo P.A.I.G.C. (Partido Africano pela Independência da Guiné e Cabo Verde) chegando mesmo à luta armada desde o 1963 e fazendo com que os portugueses tivessem que enviar tropas até que a final no 1973 a Guiné conseguiu a independência adoptando o português como língua oficial.

As Ilhas do Cabo Verde foram descobertas para Portugal pelo Veneciano Mósto vendo-se vinculadas a Guiné desde o começo. Só foram as Ilhas reconhecidas como província portuguesa de ultramar no 1951 quando ao lado da Guiné e do P.A.I.G.C. começou o movimento independentista embora conseguisse a sua separação de Portugal mais tarde, no 1975. Também o português é língua oficial embora as falas populares usem crioulos de base portuguesa que englobam as Ilhas de Cabo Verde, da Guiné e os territórios de Casamansa no Senegal.

O Cavoberdiano ou kauvediano é a fala popular dos nativos do arquipélago criado com europeus e escravos vindos do continente mas com duas variantes: o de Barlovento e o de Sotavento.

Na região compreendida entre os rios da Guiné, Senegal até a Serra Leoa no início do S. XVI e nos pontos onde o comércio era mais activo surgiu um crioulo com características próprias e falados em Ziguichor, Cacheu, Ceba e Farim. Estes crioulos sobrevivem junto com o português padrão, o francês e as línguas nativas.

São Tomé e Príncipe, Fernando Pó e Ano Bom.

Estas ilhas foram descobertas e incorporadas a Portugal nos finais do Século XV e ocupadas pelos europeus no XVI sendo bases comerciais para o tráfego e trânsito de escravos. Com isto vieram surgir os seus próprios crioulos como o Forro ou o Santomense, O Principense ou Lumguyê, o Annobonês ou também chamado Fá d'Ambó. Som falas de base portuguesa mas com influências das línguas Kwa e Kikongo provenientes do continente. Também em São Tomé se fala o crioulo chamado Angolar surgido no XVI por escravos fugidos de Angola.

A Ilha de Anno Bom foi cedida à Espanha no século XVII e desde o 1968 faz parte da Guiné Equatorial. Hoje no Anno Bom falam para além do espanhol o crioulo português.

Texto

Os guerreiros saltam na planície. Maguiguane circula à luz do dia. As lanças voltam a ter o brilho da vida. Os escudos desembaraçam-se dos ratos. Os dias voltam a ser dias. Os risos renovam-se. Batuques troam. O vento é outro. As árvores são outras. A terra é outra. O sangue é outro. A guerra de todos os séculos aproxima-se. O rei, a milhas de distância, acorda bem disposto e pergunta pela guerra. Maguiguane está satisfeito. Macanhangana sente que as mãos não tremem. Os guerreiros treinam. As lanças sibilam. Os escudos chocam-se.

-Atacamos amanhã. Macanhangana.

Já devem estar mortos.

-As gerações vindouras regozijar-se-ão dos nossos feitos guerreiros.

Binguane sente que as palavras não lhe chegam à boca. Os guerreiros esperam. Xipenanyane avança.. Já se sente rei. Os guerreiros ouvem-no. Esquecem-se de Binguane, o velho rei. Seguem as palavras de Xipenanyane. Sentem forças nas pernas. Seguram as lanças com as mãos. Mantêm-se firmes.

-Vamos lutar e morrer se for necessário, mas o nosso desprezo pelos nguni manter-se-á por séculos, porque esta terra é e será nossa. E se lutamos hoje é para que os nossos filhos não vejam as orelhas dilaceradas pelos nguni. O nosso não é para que as nossas mulheres não sejam escravas e os nossos filhos não engrossem as fileiras desse exército bárbaro. A razão pende para o nosso lado, guerreiros.

Iremos para a luta com certeza da vitória, apesar deste cerco criminoso que moveram contra nós, um cerco que contraria os princípios mais elementares de uma guerra de homens, de uma guerra que os nossos antepassados mais remotos cultivaram com certeza de que os homens olham-se de frente e as lanças chocam-se sob o olhar atento dos guerreiros. Lançaram esta guerra de serpentes pensando na

nossa morte imediata. Mas estamos vivos e a nossa luta será por igual, apesar do elevado número de guerreiros que estão fora deste cercado.

Preparem-se para a vitória, guerreiros, preparem-se para matar esses invasores nguni. A razão está no nosso lado e os espíritos protegem-nos.

-Há pouco estava eu a dizer a Macanhangana que o leão ruge na selva. Com isso quis dizer que é chegada a altura, guerreiros, de entrarmos em acção. Durante dias não tivemos outro objectivo que dar oportunidade aos machope de virem a nós e entregarem as lanças, as zagaia e os escudos. Não o fizeram. E por uma razão muito simples: são animais. É por isso que esquecemos, guerreiros. Um animal habituado à selva nunca conviverá com homens e muito menos seguirá as regras mais elementares da existência humana. E esta verdade não a inventei, mas disse-a o nosso rei Ngungunhane há muitos e muitos anos. Nessa altura ele convidou-os para esta grande comunidade de homens que somos e que constituímos. Recusaram a nossa mão caridosa e preferiram andar a monte, incomodando-nos à noite com os seus uivos e estragando as nossas machambas. Houve alturas que chegamos a construir currais para esses animais machope, mas eles preferiram a selva, aos dias sem rumo.

A nossa paciência tem limites, guerreiros. Hoje é o último dia que damos a Binguane para se entregar. Amanhã, caso não se entregue com os seus homens, passaremos sobre os cadáveres desses animais e convidaremos o nosso rei, esse imortal horói nguni, para que contemple a planície pejada de cadáveres que servirão de repasto às aves por séculos sem conta.

Não pensem que haverá guerra. Não, não haverá guerra. Nós não lutamos com animais. Nós matamos os animais. Se vos mando treinar é para afugentar a preguiça que cultivaram nestes dias de repouso. Por isso, preparem-se, guerreiros, não para a guerra, mas para matarem esses animais selvagens que se chamam machope.

Ualalapi. Ungulani Ba Ka Khosa. Moçambique

Texto

Barulhinhos ligeiros invadiram o meu quarto. Abri os olhos. Havia sol em todas as divisões e minha irmã já não estava na cama. Cá fora crianças choravam e tagarelavam umas com as outras. Julguei serem 10 ou 11 horas da manhã e qual não foi o meu espanto quando vi no relógio de pulso que pouco passava das seis. Fazia calor. Espreguicei-me e resolvi que seria bom levantar-me embora um pouco contrariada.

6 da manhã! Só quando andava na escola e depois no colégio é que me obrigavam a levantar aos domingos àquela hora para air à missa das sete. Como eu destestava a missa das sete! No inverno era horrível, com frio e geada, com chuva e vento e às vezes até com neve. E lá tinha eu que ir a tiritar, sentindo a terra dura estalar sob a sola dos sapatos... os bolsos cheios de biscoitos que a mãe da Rosette trazia de Fundões e o gemo-que-gemo dos vocábulos impróprios que a revolta obrigava a deixar à solta na boca. Logo ao sair da casa o vento agreste da Estrela gelava veias e ossos, as maçãs do rosto mudavam de cor e o pingo escorria do nariz congelado. Tudo feio... Tudo horrível...

-Assoa-te Xininha

-Merda!

-Vamos para a missa –segredava a Rosette- se a tua mãe ouve!

O percurso até ao Largo da Misericórdia era feito em surdina, as palavras junto ao ouvido, quase a destilar em sigilo total. Só os olhos descansavam nas poças de água cristalizada que enchiam os buracos do passeio junto ao muro dos Condes.

A missa era na Igreja das Almas, grande, fria, muito comprida e a porta rangia sempre que entrava mais um crente, o que fazia repetir ao nosso clérigo um estribulho que ficou famoso em toda a vila dada a calma e o tom com que o proferia... “e as portas continuam a bater”... E eu ainda ensonada, mal ouvia o sermão enfadonho que ele proferia lá do altar só acordando mesmo quando o João sacristão tocava a santos.

Ao lado da igreja estava a prisão, e a única oisa que despertava o meu pensamento era o adeua de um ou outro presidiário, que nos acenava ao sairmos da missa e eu, criança ainda perguntava a mim mesma porque razão não vinha Deus salvar aqueles homens das grades. Ele que estava ali tão perto... era só estender a mão.

15 Dias de Regresso. Maria Olinda Beja. São Tomé e Príncipe.

Texto

O tempo fugia para a noite; o sol, raivoso, queimava; tinha um céu muito azul, nem uma nuvem que se via, e na Baixa, sem árvores, os raios do sol atacavam mal. A barriga de Zeca Santos já não retilava mas o calor estava em todo o corpo, punha-lhe comichão nos pés, obrigava-lhe andar adpressa no meio da gente toda, a sua camisa amarela ia rápida, esquivava os choques, avançando com coragem no anúncio do emprego, arranjando já na cabeça as palavras, as razões dele, ia falar a avó velha, qualquer serviço mesmo que quisessem lhe dar, não fazia mal, aceitava...

Mas na entrada parou e o receio antigo encheu-lhe o coração. A grande porta de vidro olhava-lhe, deixava ver tudo lá dentro a brilhar, ameaçador. Na mesa perto da porta, um rapaz, seu mais-velho talvez, farda de aqui bem engomada, espiava-lhe. Num instante Zeca Santos mirou-se no vidro da porta e viu a camisa amarela florida, seu orgulho e vaidade das pequenas, amarrotada da chuva; as calças azuis, velhas, muito lavadas, todas brancas nos joelhos; e sentiu bem o frio da pedra preta da entrada nos buracos dos sapatos rotos. Toda coragem tinha fugido nessa hora, as palavras que adiantara pensar para dizer a vontade do trabalho e só o bicho na barriga começou o serviço dele outra vez, a roer, a roer. Com medo de sujar, empurrou a porta de vidro e entrou, dirigiu-se ao grande balcão. Mas não teve tempo de andar muito. Um homem grande e magro estava na frente dele olhando-lhe o papel na mão. Zeca ia falar, ele só empurrou-lhe na mesa do contínuo:

-Já sei, já sei. Não digas mais. Vens pelo anúncio, não é? Anda para aqui. Xico, ó Xico!

Luuanda.Estórias. José Luandino Vieira. Angola

Texto***Adeus à hora da largada***

*Minha mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
tu me ensinaste a esperar
como esperaste nas horas difíceis*

*Mas a vida
matou em mim essa mística esperança*

*eu já não espero
sou aquele por quem se espera*

*sou eu minha Mãe
a esperança somos nós
os teus filhos
partidos para uma fé que alimenta a vida*

*Hoje
somos as crianças nuas das sanzalas do mato
os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
nos areais ao meio-dia
somos nós mesmos
os contratados a queimar vidas nos cafézais
os homens negros ignorantes
que devem respeitar o homem branco
e temer o rico
somos os teus filhos
dos bairros de pretos
além aonde não chega a luz eléctrica
os homens bêbedos a cair
abandonados ao ritmo dum batuque de morte*

teus filhos
 com fome
 com sede
 com vergonha de te chamarmos Mãe
 com medo de atravessar as ruas
 com medo dos homens
 nós mesmos

Amanhã
 entoaremos hinos à liberdade
 quando comemorarmos
 a data da abolição desta escravatura
 Nós vamos em busca de luz os teus filhos Mãe
 (todas as mães negras
 cujos filhos partiram)
 Vão em busca de vida.

Sagrada Esperança. Agostinho Neto. Angola

Texto

Sem medo e Teoria foram ajudar a preparar o almoço.

Depois de comerem, voltaram a avançar. Encontraram uma montanha pela frente, que atacaram às duas da tarde. A primeira parte da montanha estava coberta de folhas de xikuanga, o que dificultava a ascensão. As mochilas pesavam nos ombros, as pernas vergavam-se. Paravam frequentemente, para retomar o fôlego. Quando parecia que se aproximavam do cume, surgia nova elevação. As folhas de xikuanga foram substituídas por mata espessa, que era preciso cortar à catana, para abrir caminho. Às quatro horas, começou a chover. A água descia pela montanha, ensopava o solo. As botas tornaram-se dez vezes mais pesadas, com o peso da lama. As escorregadelas eram frequentes e Pangu-Akitina, o enfermeiro, ao escorregar, deixou air a pépéchá, que foi preciso ir buscar vinte metros mais abaixo. Às cinco horas atingiram o alto da montanha, exaustos. Depois de curto descanso, principiaram a descida, pois à noite era impossível dormirem na montanha, por causa do frio. A descida, embora mais rápida, era mais perigosa que a subida. O Comissário escorregou e rebolou na lama, até se conseguir agarrar a uma liana. As pernas tremiam, pelo esforço de se aguentarem. Os joelhos doíam. Os sacadores impeliavam os homens para a frente, para o abismo. A chuva continuava a cair. Às seis horas escureceu totalmente e eles ainda não tinham descido a montanha. O resto foi feito quase de rastos, na escuridão da montanha traiçoeira, a chuva fustigando o rosto. Quando algum caía, os outros não tinham esperança de o reencontrar. Chegaram finalmente ao rio. A noite não permitia procurarem um sítio mais ou menos seco para acamparem. Deixaram-se cair numa espécie de clareira, controlaram o grupo para ver se estavam todos. Felizmente, ninguém faltava. Abriram os sacadores, onde tudo estava molhado, o pano de dormir, a comida, as munições, tiraram latas de leite e beberam o leite frio, pois não se poderia acender fogo com aquela chuvada.

Ao cair, Teoria voltara a esfolar o joelho. O sangue agora já estancara. Pangu-Akitina olhou a ferida, alumada pela lanterna a pilhas, e deixou-a ficar assim. Como tratá-lo, se todos os pensos estavam molhados? Limitou-se a deitar-lhe um bocado de álcool sobre o ferimento. Teoria apertou os lábios, o que não impediu um gemido teimoso de lhe sair da boca.

Houve quem estendesse a lona no chão molhado para dormir. A maior parte, porém, deitou-se mesmo directamente no chão, tapando-se com o pano já molhado.

-De vez em quando mexe os braços e as pernas –disse Sem Medo ao Comissário- Senão podem ficar fixos ao chão, pois o clima aqui é tão fértil que, com a chuva, se cria raízes dum dia para o outro. Boa noite, sonhos cor-de-rosa!

Como pode ele ainda brincar?, perguntou-se o Comissário, meio escandalizado.

Mayombe. Pepetela. Angola.

-O futuro da língua galego-portuguesa

Nesta altura dos começos do século XXI a lusofonia está em retrocesso. Os enclaves asiáticos que originariamente tinham o português como língua adoptada desde que os navegantes chegaram com os seus navios às costas da Ásia estão a perdê-la pelos processos de integração desses pontos nos países surgidos após os processos de descolonização levados a cabo no passado século XX.

Diu, Damão e Goa integrados na União Índia no 1961 veem como a nossa língua deixa passagem ao inglês e às línguas nativas embora o inglês não seja uma língua tão amada por esses povos como pode ser a nossa. O mesmo acontece em pontos do Sul da Ásia como a Indonésia, o actual Sri Lanka ou na Península de Malacca.

Na China, o português de Macau também deixa o caminho aberto ao chinês mas só a Ilha de Timor parece o único país que após a sua independência acolheu a nossa língua como língua oficial apoiada maiormente pelo Brasil que mesmo poderia liderar a Lusofonia na zona vista a sua atitude de boa vontade em contraste com Portugal.

Na África a situação não é má mas também não é a situação de promessa de futuro que poderia ser possível noutra situação de maior preocupação por parte dos países líderes da nossa língua. A entrada do Moçambique dentro da Commonwealth ou a situação da Guiné Bissau rodeada por países da francofonia com a França por trás deles os quais procuram a entrada em todos os países da África Ocidental não agora um bom futuro a não ser que Portugal ou o Brasil tomem o assunto a sério. Os crioulos em países como o Senegal vão caminho da extinção. Embora isto seja assim o número de falantes da língua nos cinco países chamados PALOP (Países de Língua Oficial Portuguesa) cresce desde as suas independências em número e mesmo as vezes estão a criar-se variantes próprias como a variante moçambicana ou angolana do português o qual também é razão para o optimismo.

Por outra parte o galego-português no continente europeu conta com o seu lado obscuro ao vermos como a própria Galécia Norte, a Galiza espanhola está a perder a identidade linguística e o vínculo com o resto do domínio linguístico por uma política do Reino da Espanha agressiva com a sua identidade e desvertebradora no que diz respeito da Lusofonia. O sistema educativo espanhol e concretamente a sua delegação autonómica aposta pela divisão linguística entre a Galiza e Portugal com o intuito de criar ou de informar da existência dumha nova língua à qual se lhe dá o nome falacioso de “galego” mas que na realidade é uma variante galego-portuguesa inzada de castelhanismos que fazem derivar a língua dos galegos para o castelhano sem qualquer pudor por parte nem das autoridades nem da maioria dos chamados nacionalistas que entram no jogo da deturpação e diluição da língua dentro do sistema castelhano-espanhol. Nesse contexto o século XXI vai ser provavelmente tremendamente importante e fulcral no futuro na nossa língua nessa parte do território originário o qual só depende do próprio povo galego e da inteligência dos galeguistas.

A situação linguística no próprio Portugal é de boa saúde mas os novos repto após a perda do seu império colonial e a construção da União Europeia fazem com que essa situação se possa ver prejudicada a médio prazo. Portugal durante a Idade Média e desde a sua independência da Coroa Galaico-leonesa teimou com justiça incluir o resto do território da Coroa e nomeadamente o núcleo duro do mesmo, a Galiza, à qual sempre pertenceu por história e por direito, dentro do seu projecto nacional, mas desde os finais do século XIV e começos do XV, -quando essa possibilidade ficou inviável e interdita pela assumpção de Castela como país hegemónico e que posteriormente formaria a Monarquia Hispânica com o próprio Portugal como objectivo- decidiu empregar as suas energias à criação dum Império Colonial Ultramarino lançando-se ao mar e que veio durar até o último quartel do século XX, momento no qual mais uma vez ficou na mesma situação na qual estava quando começou o processo, aos começos do século XV. Hoje, após a perda total do primeiro Império europeu que abrangia toda a costa desde Marrocos até quase a Austrália, Portugal está vendo-se como no começo e com uma crise de identidade que inclui a ameaça e o medo à Espanha ainda dentro do projecto de União Europeia onde pelo seu tamanho e pela sua demografia nunca vai poder ser um país com o poder que outros países maiores e mais povoados possam possuir. Quiçá agora deva reencontrar-se com os problemas que deixou sem resolver voltando os seus olhos para a Galiza e ajudar à sua recuperação linguística, cultural e mesmo nacional perdendo-lhe o respeito ancestral à Espanha, também em plena crise nacional com a ameaça de ruptura ou, como mínimo de reconfiguração? Quiçá nesta Europa que nasce às grandes Euroregions deva apanhar o protagonismo por cima dos velhos Estados nacionais e devamos portugueses e galegos construirmos agora o que sempre foi de forma natural um espaço portugalgaico dentro da nova Europa e

podermos garantir dentro desse contexto a nossa língua e cultura comum? Quiçá essa recuperação da identidade portuguesa ajude a colher fôlegos para, conjuntamente com o Brasil recuperarmos entre todos o liderado da Lusofonia ou galaico-lusofonia e podermos entre todos reconstruirmos um espaço civilizacional que nunca deveu retroceder?

No que diz respeito do grande Brasil achamos que é a esperança da nossa língua, quiçá nesta altura no só na América onde como potência regional pode estender o conhecimento e o prestígio da nossa língua pela América do Sul ajudado do Mercosul em plena construção, mas também e perante a crise identitária portuguesa e a impossibilidade galega a liderar a Lusofonia em geral. A força do Brasil no Sul da América poderia, bem direccionada ir destinada aos grupos de galegos e portugueses dessa região do globo onde podermos construir uma minoria galusa ou galaico-portuguesa compacta e com personalidade podendo ser a segunda língua da Argentina, Uruguai, Venezuela, Cuba e quiçá outros países. O Mercosul seria um instrumento importante para, mesmo fazer recuperar a identidade de muitos galegos da mão dum Brasil bem informado no que diz respeito das origens e possibilidades da nossa língua comum galego-portuguesa.

Na África, sendo a situação de maior dificuldade do que na América uma política consensuada e aliada entre Portugal e o Brasil poderia mesmo fazer acrescentar a presença do português em países como a República da África do Sul, Guiné Equatorial e mais outros como a ajuda à própria Guiné Bissau, Moçambique e as minorias lusoparlantes do Senegal e outros países da Costa da Guiné.

Esta necessária recarga de energias e de força deveria estar assentada nos três pilares básicos da nossa língua, nomeadamente Portugal e o Brasil, mas também a Galiza se esta receber o apoio e a ajuda num começo dos outros dois países, só o necessário para podermos levantar o voo como para podermos ter a capacidade de decisão e de acção que nos pudesse permitir ter um mínimo de influência dentro do nosso mundo linguístico. Os três pilares poderiam contribuir com uma metodologia adequada sempre democrática, diplomática e com a segurança de deixarmos os pontos bem assentados a recuperarmos a nossa língua nos países de Oriente e na África à vez que se fomentaria nos organismos internacionais europeus, asiáticos (de os haver), americanos e a própria ONU sem perdermos em número de falantes em relação a outras línguas do mundo historicamente menos sucedidas do que a nossa.

Só com uma política de supervivência não chega, a língua está viva e floresce se os povos que a falam estão vivos e têm ilusão e força para a manter, e sobretudo deve existir um projecto de civilização comum,; não serve escusar-se porque não haja meios materiais, pois para além dos meios está a vontade e a imaginação que são os que na realidade abrem os caminhos; não serve a pacatez, nem o medo ou a timidez, já que todo um mundo está aí, o mundo da Lusofonia, ou da Galaico-lusofonia, que é o mundo da terceira língua europeia em número de falantes ainda hoje, da segunda língua latina com muitas possibilidades, aliás, que para si quiserem outros povos economicamente mais poderosos no mundo; é a língua que nasceu no velho Gallaeciense Regnum medieval, este criado pelos Suevos no 411 d.c. e que foi o reino cristão do Noroeste da península Ibérica oposto à Espanha muçulmana ou Al-Andalus durante séculos. É essa língua o Galego-Português.

Referências

(a) Pedro Lopez Barja: La provincia Transduriana. pp. 31-45; em F. Javier Sánchez Palencia y Julio Mangas (coord.): El Edicto del Bierzo. Augusto y el Noroeste de Hispania. Fundación Las Médulas con el patrocinio de Unión FENOSA. Ponferrada. 2001.

(b) O latim galaico é um latim ulterior, diferente em origem do latim citerior. Se bem este segundo foi um latim que penetrou com a chegada dos romanos no século III a.c. na península pela actual Catalunha, ou a Tarraconense da época, o primeiro, o citerior é um latim que chegou via comercial e militar pela Bética até a Gallaecia passando-se pela Lusitânia. Portanto o latim galaico do qual surgem tanto o galego-português como o asturo-leonês é um latim ulterior, diferente em origem e diferente em substrato do citerior que posteriormente criaria o catalão e o navarro-aragonês que vão estar em contacto com o basco. O castelhano, do nosso ponto de vista é um latim basicamente citerior mas também sob um substrato basco muito importante que lhe dá a feição mas numa região na que confluem também outras linhas de convergência linguística: por uma parte a influência galaico-astur de toda a etapa medieval na que o Gallaeciense Regnum marcava as linhas políticas, culturais e portanto linguísticas de toda a Idade Média e da que salientamos o facto de ser Compostela o foco irradiador; por outra parte a colonização da meseta norte por parte de faramontas provenientes da montanha cántabra, provavelmente de história linguística próxima ao povo basco; e por último de grandíssima influência navarro-aragonesa, portanto também citerior. Diz Rafael Lapesa na sua "Historia de la Lengua Espanola" editada por Gredos na sua edição nona na página 162 que tanto as Glossas emilianenses como as silenses do mosteiro de San Millán de La Cogolla estão num original dialecto navarro-aragonês o qual não é em absoluto estranho se temos em conta que a Rioja é uma região originariamente basca e navarra. Portanto, como poderíamos enquadrar o castelhano? Do nosso ponto de vista achamos que na península há dois blocos: o ocidental ao qual pertencem o galego-português e o asturo-leonês e o oriental o qual pertencem o aragonês e o catalão. Do nosso ponto de vista, o castelhano é um latim surgido de todas as confluências anteriores que em nada teria como dialectos, dum ponto de vista genético, ao asturo-leonês nem ao aragonês. Por isso de fazermos os estudos dialectológicos peninsulares deveríamos tratar o castelhano, ou ibero-românico central só, enquanto os outros blocos ocidental (galego-português e asturo-leonês) e oriental (aragonês e catalão) tratados em toda a sua plenitude. Devemos perder o medo a reivindicar o parentesco íntimo e nome castelhano do galego-português com as falas asturo-leonesas mesmo tendo em conta a liberdade com a que se fala do assunto em Portugal. Não há mais do que lembrar que Leite de Vasconcelos fala em co-dialectos no que diz respeito do Mirandês, Guadramilês e Riodorês a quem ninguém lhes discute a sua raiz asturo-leonesa. Digamos portanto que o asturo-leonês é um co-dialecto do nosso complexo linguístico ibero-românico ocidental surgido da velha Gallaecia viveiro de româncos. Não há vontade de assimilação do asturo-leonês mais que pela parte do castelhanismo histórico político-cultural que desfaz identidades e cria confusões no que diz respeito das origens últimas dos povos da península Ibérica e especialmente no referido ao seu histórico concorrente: o projecto nacional galaico.

(c) Ricardo Carvalho Calero: Da Fala e da Escrita. Galiza editora. Ourense. 1983. pp. 15-27

(d) Eugenio Coseriu: El gallego en la historia y en la actualidad. Actas do II Congresso Internacional da Língua Galego-portuguesa na Galiza. AGAL. Compostela. 1987. pp. 793-800

(e) cfr. R. Wright "La enseñanza de la ortografía en la Galicia de hace mil años". Verba, 18, 1991, pp. 21-22

(f) André Pena. O reino de Galiza na Idade Média. Terra e Tempo 2ª época, 1, 1995.

(g) Sebastián Rico: Presencia da língua galega. Edicións do Castro. A Crunha, 1973, pp 8-9 e Marcial Valladares: Elementos de Gramática gallega. Galaxia. Fundación Penzol. Vigo. 1970. Reprodução do original publicado no 1892. pp. 21.

(h) Castela tinha nascido como reino independente sete anos antes da coroação de Afonso VI em Compostela e o mesmo ano no que se coroou em Leom, no ano 1065, e nas Universidades galegas e espanholas é denominado Afonso VI de Rei de Castela do mesmo jeito do que o seu neto é Afonso VII, também Rei de Castela, quando o primeiro rei castelhano foi o irmão de Afonso VI, Sancho...I (primeiro) supom-se, pois na historiografia castelhanista é numerado como Sancho II sem se lembrarem de houve antes dois Sanchos antes do que o castelhano. Sancho Ordonhes (925-929) e Sancho o Gordo, que seria em realidade o II (955-956, e 960-967). Sancho Ordonhes que para além de ser coroado em Compostela e posteriormente no resto do "Gallaeciense Regnum" alguns textos da historiografia oficial preferiram deixá-lo fora do cômputo e sem número, "só as vezes -como diz Anselmo Lopez Carreira- é catalogado de "Rei privativo de Galiza (com o que se quer dizer que foi quase um ninguém!)"

- (i) Pilar Vazquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz: Gramática Portuguesa. Tomo I. Terceira edição corrigida e acrescentada. Primeira reimpressão. Editorial Gredos. Biblioteca Románica hispánica. 1987. Madrid. Pp 187-226
- (j) Manuel Portas: Língua e sociedade na Galiza. Bahia ed. Crunha 1991 pp 51-53
- (k) Dobarro Paz; XM, Freixeiro Mato, X.R.; Martinez Pereiro, C.P.; Salinas Portugal, F.: Literatura galego-portuguesa medieval. Via Lactea ed. Compostela. 1987
- (l) Garrido; C e Riera C: Manual de Galego Científico. Ed AGAL. Crunha. 2000. pp: 17-39
- (m) Portas: Op. Cit. Pp: 54-63
- (n) Portas: Op. Cit. Pp: 71-90
- (o) Portas: Op.Cit: pp: 97-208
- (p) Montero Santalha; J. M.; Passado, presente e futuro do nosso idioma, do ensino e da sua normalização. XXVII Jornadas de Ensino de Galiza e Portugal. Ourense. 2003. In Descargas
- (q) Pilar Vazquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz: Op. Cit.: pp 230-245

Bibliografia:**Geral:**

Almanaque Abril, 20^a (1994) e 21^a (1995) edições. Editora Abril, São Paulo, Brasil.

Azevedo Filho, Leodegário A. (1983), *História da Literatura Portuguesa - Volume I: A Poesia dos Trovadores Galego-Portugueses*. Edições Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, Brasil

Cuesta, Pilar V. e Mendes da Luz, Maria A. (1971), *Gramática da Língua Portuguesa*, pp. 119-154. Coleção Lexis, Edições 70, Lisboa, Portugal.

Cunha, Celso e Cintra, Luis F. Lindley (1985), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, cap. 2, pp. 9-14. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, Brasil

Culbert, Sidney S. (1987), The principal languages of the World, em *The World Almanac and Book of Facts - 1987*, p. 216. Pharos Books, New York, EUA

Holm, J. 1989. *Pidgins and Creoles*. Cambridge. Cambridge University Press. (2 Volumes)

Mattos e Silva, Rosa V. (1994), *O Português Arcaico - Morfologia e Sintaxe*. Editora Contexto, São Paulo, Brasil.

Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2a edição (revista e ampliada, 1986). Editora Nova Fronteira, São Paulo, Brasil.

Pereira, Dulce. 1992. “Crioulos de Base Portuguesa”. In A. L. Ferronha, E. Lourenço, J. Mattoso, A. C. Medeiros, R. Marquilhas, M. Barros Ferreira, M. Bettencourt, R. M. Loureiro, D. Pereira, Atlas da Língua Portuguesa. Lisboa. Imprensa Nacional. Comissão Nacional para os Descobrimentos, União Latina. 120-125

Pereira Dulce. 1997. “Crioulidade – (Palavras Leva-as o Vento...)” Comunicação ao Encontro sobre a Crioulidade, Homenagem a Mário António Fernandes de Oliveira, FCSH, Universidade Nova

Teyssier, Paul. (1982(1980)). *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa

Walter, Henriette (1994), *A Aventura das Línguas do Ocidente - A sua Origem, a sua História, a sua Geografia* (tradução de Manuel Ramos). Terramar, Lisboa, Portugal

América:

Bakker, P & al. “Saramaccan”. Arends, J. & al. (eds). 1995. *Pidgins and Creoles: An Introduction*, Amsterdão: Jhon Benjamins. 165-178

Baxter, A. 1995. “Transmissão Geracional Irregular na História do Português Brasileiro-Divergências nas Vertentes Afro-brasileiras”. *Revista Internacional de Língua Portuguesa* 14. 72-90

Conrad, Robert. (1978-1972). *Os últimos anos da escravatura no Brasil: 1850-1880*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Couto, Jorge. (1997). *A construção do Brasil: ameríndios, portugueses e africanos do início do povoamento a finais de quinhentos*. 2 ed. Lisboa: Cosmos.

Cunha, C. “O protocrioulo português e a sua universalidade nos séculos XVI, XVII e XVIII”. *Língua, Nação, Alienação*. Rio de Janeiro.

Ferreira, Carlota e outros (1994), *Diversidade do Português do Brasil: Estudos de Dialectologia Rural e Outros*, 2ª edição (revista). Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil

Holm, J. & al. 2000. “Differing Degrees of Restructuring in Two Vernaculars: Caribbean Spanish and Brazilian Portuguese”. Ernesto d’ Andrade, Dulce Pereira e Maria Antónia Mota, eds. *Crioulos de Base Portuguesa*. Lisboa. Associação Portuguesa de Linguística.

Houaiss, António. (1985). *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: UNIBRADE/UNESCO.

Instituto Sócio-Ambiental (org). (2000). *Povos indígenas no Brasil 1996/2000*. São Paulo: I.S.A.

Kouwenberg, S. & I. “Papiamento”. Arends, J. & al. (eds). 1995. *Pidgins and Creoles: An Introduction*. Amsterdão; Jhon Benjamins. 205-218

Kreutz, Lúcio. (2000). (2000). A educação de imigrantes no Brasil. In Lopes, E. et alii (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica. P. 347-370

Mattos e Silva, Rosa Virgínia. (2001). (org.). *Para a história do Português Brasileiro. Primeiros estudos*. V. II, tomos I e II, S. Paulo, Universidade de S. Paulo.

Monteiro, Jhon Manuel. (1995). *Negros da terra. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Naro, Anthony e Scherre, Martha. (1993). Sobre as origens do Português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.* (n. Especial): 437-455

Naro, Anthony e Scherre, Martha. (2000). Variable concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. *Creole language library*, 21: 235-255

Parkvall, M. 2000. “The Alleged Creole Past of Brazilian Vernacular Portuguese”.

Perl, M. 2000. “The Portuguese Origin of the Saramaccan Vocabulary Reconsidered”. Ernesto d’ Andrade, Dulce Pereira e Maria Antónia Mota, eds. *Crioulos de Base Portuguesa*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.

Ribeiro, Ilza. (1999). A origem do português culto. A escolarização. Comunicação em Encontro da UNIFACS. Salvador. (mimeo).

Roberts, I e Kato, M (1993) (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora UNICAMP.

Rodrigues, Aryon. (1986). *Línguas brasileiras. Para um conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.

Scherre, Martha e Naro, Anthony. (1997). A concordância de número no português do Brasil: um casos típico de variação inerente. In Hora, D. (org). *Diversidade linguística do Brasil*. João Pessoa: Idéia. P. 93-114.

Silva Neto, Serafim da Silva. (1986(1950)). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença.

Silva Neto, Serafim da Silva. (196). *A língua portuguesa no Brasil. Problemas*. Rio de Janeiro. Acadêmica.

Smith, N. 1987. *The Genesis of the Creole Languages of Surinam*. Dissertação de doutorament

Ásia:

Baxter, A. 1988. *A Grammar of Kristang (Malacca Creole Portuguese)*. Camberra: Pacific Linguistics, série B. 95

Charpentier, J.-M. 1992. “La Survivance du Créole Portugais Makaista in Extreme-Orient » Andrade, E & A. Khim (orgs.) 1992. *Actas do Colóquio sobre « Crioulos de Base Lexical Portuguesa »*. Lisboa. Colibri. 81-95

Clemens, J.C. 1996. *The Genesis of a Language: The Formation and Development of Korlay Portuguese*. Amsterdam/Filadélfia: Jhon Benjamins.

Clemens, J.C. 2000. “Evidência para a existência de um pigin português asiático”. Ernesto d’ Andrade, Dulce Pereira e Maria Antónia Mota, eds. *Crioulos de Base Portuguesa*. Lisboa. Associação Portuguesa de Linguística. 185-200

Ferraz, L. I. 1979. *Portuguese Creoles of West Africa and Asia*. Gilbert. G. G, (ed.), *Pidgin and Creole Languages*. Honolulu Univer. Of Hawaii Press. 337-360

Jackson, K. D. 1987. “Canta sen Vergonya: Portuguese Creole Verse in Sri Lanka”. *Journal of Pidgins and Creole Languages* 2:31-48

Theban, L. 1985. “Situação e Perspectivas do Português e dos Crioulos de Origem Portuguesa na Índia e no Sri Lanka”. *Actas do Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*. Vol. 1. Lisboa. ICALP. 269-285

Tomás, M. Isabel. 1992. *Os Crioulos Portugueses do Oriente – Uma Bibliografia*. Macau: Instituto Cultural de Macau

Tomás, M. Isabel. 1995. “Os Crioulos Portugueses do Oriente Revisitados”. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 14.

Tomás, M. Isabel & Dulce Pereira (Sel. E notas). *Os Espaços do Crioulo*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

Oceânia

Baxter, A. 1990. “Notes on the Creole Portuguese of Bidau, Timor”. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 5.1:1-38

Thomaz, L. F. 1985. “A Língua Portuguesa em Timor” *Actas do Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa do Oriente – Uma Bibliografia*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

África:

Andrade, Costa. “Intervenção durante a sessão musical realizada pelo comité organizador do primeiro festival mundial de cultura negra”. São Paulo Brasil, Fevereiro de 1963, in Andrade, Costa. *Literatura Angolana: Opiniões*. União dos Escritores angolanos. Edições 70, Lda, 1980

Andrade, Costa. “Literatura: uma visão sócio-histórica- Palestra aos estudantes latino-americanos em Belgrado”, 29 de Maio de 1966 in Andrade, Costa. *Literatura angolana: Opiniões*. União dos Escritores angolanos- Edições 70, Lda. 1980.

Andrade, Costa. “Alguns problemas culturais de Países recentemente libertados” – Intervenção nos Encontros Literários de Zagreb, Jugoslávia. Maio de 1978. in Andrade, Costa. *Literatura angolana: Opiniões*. União dos Escritores angolanos – Edições 70, Lda, 1980.

Andradre, Costa. “Línguas Nacionais e Identidade Nacional” in Documentos da VI Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos; 1 Volume: Teses Angolanas; União dos escritores angolanos – Edições 70m Lda. 1981.

Areia, L. M. Rodrigues de. “A etnicidade como processo: O caso de Angola”. In O desafio africano: actas dop colóquio “África de língua portuguesa: presente e futuro” organizado na Universidade da Beira Interior nos dias 23 e 24 de Maio de 1996. José Carlos Venâncio (coord.). – Lisboa: Vega. 1997

Ashcroft, Bill; Griffiths, Gareth; Tiffin, Helan (ed.). The Post colonial studies reader. Routledge 1995

Barbosa, Jorge Morais. “A lingual portuguesa no mundo”, in Kukanda, Vatomene – Notas de Introdução à linguística Bantu- Universidade Agostinho Neto. Instituto Superior de Ciências da Educação. C.D.I., Lubango, (1986)

Cabral, António Carlos Pereira. (1972). Pequeno dicionário de Moçambique. Lourenço Marques. E.A. Bibli. Geral B-93=690-2 (consulta em bib.)

Carvalho, Paulo de. Estrutura Social e Linguagem: o caso da Angola Colonial. Centro de estudos africanos, Instituto de Antropologia, Universidade de Coimbra, 1991.

Couto, H. Honório do. 1994. Ocrioulo Português da Guiné-Bissau. Hamburgo: Buske

Endruschat, annette. “A língua falado como força motriz do desenvolvimento do português angolano” in Angolê, Artes, Letras, Ideias, n 1, 1990.

Ferreira, E. (1977). O fim duma era: O colonialismo português em África.. Lisboa: Livraria Sá da Costa

Ferraz, L. I. 1979. The Creole of São Tomé. Joanesburgo: Witwatersrand. University Press.

Ferraz, L. I. 1987. Portuguese Creoles of west Africa and Asia. Gilbert, G. G. (ed), Pidgin and Creole Languages. Honolulu Univ. of Hawaii Press. 337-360.

Ferreira, M. Que futuro para a língua portuguesa em África?. Linda-a-Velha. ALAC

Gonçalves, P, & Siteo, B. (1998). Mudança linguística em situação de contacto de línguas: O caso do Changana e do Português. Comunicação apresentada no V Congresso luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais (Maputo 1-5/9/98)

Heimer, Franz Wilhelm – O processo de descolonização em Angola 1974-1976. – um ensaio em sociologia política. CEDEP. A regra do jogo. 1980.

História sobre a criação dos alfabetos em línguas nacionais. Angola. Instituto nacional de Línguas. (estudo elaborado pelo departamento de investigação aplicada). –Luanda: Instituto Nacional do Livro e do Disco. 1980.

Kukanda, Vatomene – Notas de introdução à linguística bantu – Universidade Agostinho Neto. Instituto Superior de Ciências da Educação. C.D.I., Lubango, 1986.

Laranjeira, Pires. Literatura Calibanesca. Edições Afrontamento. 1985.

Lofgrenm, Orvar. “The nationalization of Culture” in Ethnologia Eurepaea, XIX: 5-24. 1989

Lorenzino, G. 1998. The Angolar Portuguese of S. Tomé: Its Grammar and Sociolinguistic History. Dissertação de doutoramento. CUNY.

Margarido, Alfredo. (2000). A lusofonia e os lusófonos. Novos mitos portugueses. Lisboa. Edições Lusófonas. 2000

Mingas, Amélia. A. (2000). Interferência do Kimbundu no português falado em Luanda. Porto. Campo das Letras.

Mourão, Fernando Augusto Albuquerque. A sociedade angolana através da literatura- Ensaios 38. São Paulo, Edkitora Ática, 1978.

Newitt, M. (1998): O impacto dos portugueses no comércio, política e estruturas de parentesco da África Oriental do século XVI. *Oceanos*, 34: 63-72

Pereira Dulce. 1996. "O Crioulo de Cabo Verde". I. H. Faria & al. (org). Introdução `Linguística Geral e Portuguesa. Lisboa.: Caminho. 551-559.

Polanah, Luis. Patriotismo e Falsificação histórica. Separata da Revista – Factos & Ideias do Centro de Estudos de Relações Internacionais da Universidade do Minho. Ano II – n3. 1986.

Post, M. "Fá d'Ambu". Arends, J. & al. (eds). 1995. *Pidgin and Creoles: An Introduction*. Amsterdão: Jhon Benjamins. 191-204.

Quint-Abrial, N. 1998. *Le Creole de l'île de Santiago (Republicaque du Cap Vert)*. Tomo 3 : Eds. Colibri.

Scantamburlo, L. 1999. *Dicionário do Guineense : Introdução e Notas Gramaticais*. Lisboa: Eds. Colibri.

Valkoff, M. (1966). *Studies in Portuguese and Creole*. Johannesburg. Witwatersrand. University Press.

Van-Dúnem, Domingos; Silva, Rui Burity da. "Breves Notas sobre a integração cultural em Angola" in *Dcumentos da VI Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos; 1 Volume: Teses Angolanas; União dos escritores angolanos – Edições 70, Lda. 1981*